

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Dissertação

ALICE MARIA SZEZEPANSKI MONTARDO

**OS ALUNOS NÃO SÃO MAIS OS MESMOS.
A ESCOLA TAMBÉM ... PODE NÃO SER!
DO PÁTIO À CALÇADA :
CONSTRUINDO UMA ESCOLA SEM VIOLÊNCIA**

Pelotas, 2005.

ALICE MARIA SZEZEPANSKI MONTARDO

**OS ALUNOS NÃO SÃO MAIS OS MESMOS.
A ESCOLA TAMBÉM ... PODE NÃO SER!**

**DO PÁTIO À CALÇADA
CONSTRUINDO UMA ESCOLA SEM VIOLÊNCIA**

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi

Pelotas, 2005

ORIENTADOR:

.....
Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi

BANCA EXAMINADORA:

.....
Prof^a. Dr^a. Mari Foster (UNISINOS)

.....
Prof^a. Dr^a. Susana Molon (FURG)

.....
Prof^a. Dr^a Magda Damiani (UFPel)

.....
Prof. Dr. Armando Cruz (UFPel)

.....
Prof. Dr. Avelino Oliveira (UFPel)



Dedico este estudo aos estudantes que, apesar dos pesares, povoam com suas sonoras risadas os pátios das escolas, na esperança de que os professores aprendam com eles.

Meus agradecimentos

A todas as pessoas que de algum modo possibilitaram e deram condições para a realização deste trabalho.

Em especial:

Júlia e Arthur, grandes pessoas, que souberam, com sabedoria e paciência sacerdotal, compreender meus silêncios e minhas ausências, chamar minha atenção e me dar colo.

Enio, “belo rapaz”, que sempre acreditou que eu seria capaz e, acabou, fazendo com que eu acreditasse também.

Alba, minha mãe, que do alto dos seus muitos anos de frágil aparência, parece guria “*algiarada*”, se o assunto for me ajudar.

Dona Talita e Flávia pela ajuda sempre oportuna e acolhedora.

Aline e Nilda, “lindas membros do GOG”, pelas conversas, semelhanças e diferenças, que nos fizeram mais próximas e aprendentes.

Raul, pela luta na preservação da metáfora dos “cupins”, e que, junto com Ana e Paulo, foi parceiro de grandes discussões.

Colegas e professores do Mestrado, que possibilitaram muitas reflexões e risadas; sem elas, eu não teria me tornado alguém melhor e não estaria com saudades.

Rita, Ana e demais funcionários da FaE, pela competência e delicadeza.

Pessoal da Escola, com quem tenho a honra de aprender e que, de todas as maneiras, contribuíram para este trabalho, não só como partícipes diretos da pesquisa mas, também e principalmente, por serem parceiros neste sonho e protagonizarem a história desta Escola; por isso, faço questão que assinem comigo estes escritos.

Edelvira e Flávia, pela dedicação, diálogos, companheirismo e cumplicidade.

Funcionárias e professores, pela convivência entre risadas, estudos, conflitos, dúvidas e muito afeto: Aline (grandes e proveitosas anotações na qualificação), Ana Helena, Ângela, Anarolina, Bitisa (sensibilidade e competência na revisão ortográfica), Carla, Claudia (revisão dos anexos e grande resumo *en français*), Cláudio, Carina, Daniéle/Celsinho (“show de bola” na produção das imagens do trabalho), Daniel, Edi, Eliane, Francisco, Fernanda, Isabel (leu todos os meus textos do Mestrado), Jandira, Lorena, Lúcia, Luciane Pinheiro (compromisso ao assumir a direção desta escola e competência ao torná-la maior), Luciane Costa, Luciana, Lenara (professores e alunos do cursinho), Magda (leitora e revisora do projeto), Maria Deacy (cuidados especiais com a minha saúde), Maria Elena, Mara (disponibilidade), Maria Simone, Maria Inês, Maria Joaquina, Niviane (formatação do projeto), Olavo, Paula, Renata (grandes e proveitosas anotações na qualificação), Rosane (“a vice”), Rosângela, Rosimere, Simone, Tânia (ajuda discreta), Tarítza (emoção nas leituras), Ubiratã, Valdirene, Vivian e a outros tantos e tantas que pela Bibi passaram.

Alunos, por tudo (em destaque os partícipes diretos na pesquisa):

Aline, Aline, Ândria, Anderson, Airton, Andreo, Alisson, Ana Caroline, **Ana Carolina**, Andreus, Alessandra, **Amanda**, Andrio, Alexia, Andreza, Allan, Andrei, Arlete, Alízia, Andrey, Álvaro, Andriele, Angelo, Andrine, Aires, Ana Maria, Antonio, Amanda, Alessandro, Abimael, Antoniaela, Alex, Ana Paula, Arlindo, **Alejandro**, Alex Sandro, Addressa, Ariane, **André**, André, Alexandre, Bruno, Bruna, Betina, **Bruno**, Beatriz, Bárbara, Berenice, Bárbara, Balbino, Brenda, Bernardo, **Bruna**, Caroline, Cristiano, **Cristina**, **Criziele**, Christian, **Chaiane**, Cleber, **Cristian**, Camila, **Carlos**, Cleusa, Cristiomar, Nilda, **Cíntia**, Cássio, Claudia, Caio, Cassandra, Daiane, Daniel, Devonir, Deise, Diva, Diomar, **Débora**, **Douglas**, Denise, Driele, Daisson, **David**, Débora, Diego, Diéssica, David, Eduarda, Ezequiel, Estéfane, Eduardo, **Elisângela**, Edson, Eduvirgens, Eugênio, Everson, Ester, Eva, Flávia, Fernando, Franco, Filipi, Felipe, Flávio, Francine, Gabriela, Gabrielle, Gabrieli, Genes, Gabriel, Gustavo, Giliardi, Greice, Guilherme, Gisele, Helen, **Halesca**, Henrique, Héctor, Iuri, Isadora, Iris, Indiara, Iago, **Igor**, Iolanda, Isabela, Ivan, Ingrid, **Jéssie**, Jander, Jonathan, Jones, Juan, João, Jéssica, **Jenifer**, Júlia, Julie, Jonas, **Juliana**, Janaina, José, Juliana, Juliano, July, **Jeferson**, Jean, Juan, Jeferson, **Josiane**, Kauã, Karine, Katiellen, Katerine, Kaina, Kairan, Kétlin, **Karine**, Karolaine, Katelin, Lais, Lizandra, **Lucas**, Luiz, Lucio, Luis, Lara, Lisabdra, Liandrine, Luciano, Leonardo, Lucas, **Luana**, Larissa, Lauren, Luana, **Lennon**, Letiane, **Letícia**, **Matheus**, **Mateus**, Miriã, Mirian, Margaret, Maria, Marizete, Manuel, Marciele, Maria Angélica, Marlow, Murilo, Maria da Graça, Martinez, Michele, Maik, Magda, Maíquel, Manuele, Marco Aurélio, Márcia, Mariana, Melina, Melissa, Michel, Michael, Marta, Monique, Marina, Matheus, Mateus, Marcus, Maicon, Manoela, Marcia, Maurício, Mellony, Maiara, Meire, Marco Antonio, Marcos, Mariel, Marília, Milene, **Natane**, Natanael, Nathaniel, Nataniele, Nauama, **Nícolás**, Néelson, Nanci, Otávio, Oberdan, **Oswaldo**, Paola, Pablo, Paulo, Priscila, Paula, Pedro, Patrick, **Paula**, **Patrícia**, Rosber, Renan, Rodrigo, Raquel, Richard, Raí, Renata, Roger, **Rafael**, Roberta, Raniele, Rita, **Raíne**, Rafaela, Rafael, Rômulo, Rosa, Samaiane, Sharon, Samuel, Sthefanie, **Shaiane**, Suelen, Sabrina, Sandria, Sandra, **Sullivan**, Sthefanie, Silmar Sandro, Sthefany, Tuane, Taina, **Taís**, **Thaíz**, Thalia, Thiago, Treicellane, **Tuane**, Thalana, Tamires, **Taiane**, Tiago, Uriel, Victor, Vitor, Vanessa, Vitória, **Vandriele**, Vinícius, Valtur, Yuri, Willian, Walterley, Wesley, Walter

Prof^a. Dr^a. Mari Foster, Prof. Dr. Armando Cruz e Prof. Dr. Avelino Oliveira, pela contribuição valorosa na qualificação e disposição para “me” lerem novamente.

Prof^a. Dr^a. Magda Damiani, pelas aulas, seriedade e disponibilidade em participar desse momento.

Prof^a. Dr^a. Susana Molon, pela disposição em compartilhar esse momento conosco.

Gomercindo, Gomer, Mestre, Chefe, ou melhor, Gomer“lindo”, por:

- Todas as palavras ditas, escritas e silenciadas, pois foram, com certeza, refletidas e reflexo da seriedade, compromisso e respeito com que dialogamos.
- Ser alguém que caminha junto, muito antes de ser, somente, um orientador.
- Permitir ousadias, fazendo teus os meus sonhos e, portanto, limpando o céu para que eu pudesse enxergar além, alçando vôos “livremente responsáveis”.
- QUANDO EU CRESCER QUERO SER IGUAL AO SENHOR, CHEFE!



O Portão

Segunda é dia de feira e a rua começa mais cedo.

O cheiro do pão na padaria acorda também os estômagos e as gulas.

O guarda saiu mais cedo... Chegou a primeira funcionária e o barulho das
chaves faz acordar as expectativas que foram se acomodando durante a noite
quando tudo parece estar quieto.

Estranho falar em quietude quando, ao olhar para o silêncio,
consegue-se “ver” cada som.

Pouco a pouco, em uníssonos de “bons dias”,
vão chegando vidas e sonhos.

Chegam pelo portão.

Portão... que foi durante muito tempo preocupação.

Era feio, “fechado” e inseguro. Agora é “aberto” e seguro.

- Bom dia, diretora !

- Bom dia, gurizada !

Chegam... entram... e eu paro. Começa mais um dia.

Alice

UMA QUESTÃO DE ORDEM !

Resumo.....	12
Résumé.....	13
I. CAMINHO LONGO...VIDA INTENSA:	
Eu e as trilhas que me trouxeram até aqui.....	15
II. PRIMEIROS PASSOS:	
Considerações sobre o tema a ser desenvolvido.....	22
2.1. INDAGAÇÃO E INTENÇÕES:	
Metodologia de trabalho: O quê e como responder.....	26
III. HISTÓRIA, MITO E REALIDADE:	
Que escola é essa ?.....	34
IV. (IN)DISCIPLINA, EU QUERO UMA PRA VIVER!	
O tema e os autores: Freire e Foucault foram matriculados.	
Agora, precisam participar das decisões.	41
V. ESCOLA: ESPAÇO DE CONFLITOS,POSSIBILIDADES	
E LIMITAÇÕES	
Admitindo seus problemas e limitações; garimpando	
alternativas.....	49
5.1. AÇÕES-CUPIM	
Uma Escola mais interessante: significar o que parece	
sem significado.....	54

VI.	NOSSA! QUE CATEGORIA(S)!!!	
	Temas que surgiram na análise de dados da pesquisa.....	62
6.1.	RECEITA DE ACORDAR PALAVRAS	
	Diálogo.....	65
6.2.	PASSA UMA BORBOLETA	
	Conhecimento.....	70
6.3.	POEMA EGALITÁRIO	
	Parceria.....	76
6.4.	ACHO TÃO NATURAL QUE NÃO SE PENSE	
	Prazer.....	88
6.5.	A FORMIGA	
	Um olhar PPP :Por quem, Para quem, Para quê?....	93
VII.	REFLEXÕES E TRILHAS:	
	Considerações para continuar refletindo.....	99
VIII.	DIÁLOGOS:	
	Referências	104
IX.	PARA COMPREENDER ALGUMAS ESCOLHAS.....	110
9.1.	ABREVIATURAS.....	110
9.2.	VOCABULÁRIO.....	110
9.3.	SUB-TÍTULOS.....	110
9.4.	QUESTÕES DAS ENTREVISTAS.....	111
X.	ANEXOS.....	113
XI.	NÃO HÁ 1ª, SEM 2ª	
	Começar sempre.....	154

Resumo

MONTARDO, Alice Maria Szezepanski. **Os alunos não são mais os mesmos. A Escola também...pode não ser! - Do pátio à calçada: construindo uma Escola sem violência.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Este trabalho apresenta pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bibiano de Almeida em Pelotas, RS, revelando ao longo de doze capítulos uma experiência onde os problemas de indisciplina/violência têm sido superados diariamente.

Toda essa experiência dá-se por meio da qualificação das relações que perpassam e adentram a Escola, através da alegria, do diálogo, do prazer e da importância do seu reconhecimento como espaço de produção de conhecimento, fundamentado e fundamentando a construção coletiva de regras de convivência.

A Escola, vista como espaço de conflitos, que não são problemas e sim alternativas para novos caminhos na compreensão desse universo repleto de desejos e necessidades, percebe a disciplina como resultado de um Sistema Relacional onde a reflexão crítica do seu papel social e a liberdade para que os caminhantes tracem seu caminho remetem para uma Escola que recria, sonha e realiza. Isto se deve à construção de um espaço escolar ancorado em um Projeto Político-Pedagógico sustentado e resultante do diálogo, da parceria, do compromisso com o conhecimento e do prazer que se renovam num exercício de ação/reflexão/ação.

Numa perspectiva transformadora de uma realidade posta e imposta, a "Bibi" indica possibilidades, através das "Ações-cupim", que são vivenciadas no seu cotidiano, compreendendo e fazendo escolhas, apostando na autonomia dos que por lá passam, fazendo sua história e rompendo com uma autoridade ultrapassada e inflexível.

Palavras-chave: Relações. Disciplina. Diálogo. Parceria. Conhecimento. Prazer. Projeto Político-Pedagógico.

Résumé

MONTARDO, Alice Maria Szezepanski. **Os alunos não são mais os mesmos. A Escola também...pode não ser! - Do pátio à calçada: construindo uma Escola sem violência.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Dans ce travail on présente une recherche menée à l' Escola Municipal de Ensino Fundamental Bibiano de Almeida à Pelotas au Rio Grande do Sul, Brésil, dans laquelle on révèle pendant douze chapitres une expérience de supérotation quotidienne de problèmes d'indiscipline et violence.

Cette expérience se fait par la qualification des rapports qui percent et traversent l'école à travers la joie, le dialogue, le palisir et de l'importance de sa reconnaissance en tant qu'espace de production des savoirs qui se fonde dans la construction colective des règles de convivialité.

L'école, vue comme un espace de conflits qui ne sont pas de problèmes mais des alternatives pour de nouveaux chemins dans la compréhension de cet univers rempli de désirs et des nécessités, aperçoit la discipline comme un résultat d'un système relationnel où la réflexion critique de son rôle social et la liberté de tracer le parcours renvoient à une école qui recrée, rêve et réalise. On doit cela à la construction d'un espace scolaire ancré dans un projet politico-pédagogique soutenu et résultant du dialogue, du partenariat, du compromis avec le savoir et du plaisir renouvelés dans un exercice d'action/réflexion/action.

Dans une perspective transformatrice d'une réalité posée et imposée, l'école « Bibi » indique des possibilités, à travers des « actions termite » qu'elle vit dans son quotidien, tout en comprenant et en faisant des choix dans les enjeux de l'autonomie de ceux qui passent, qui font son histoire et rompent avec une autorité dépassée et inflexible.

Mots-clés: Rapports. Disicipline. Dialogue. Partenariat. Savoir. Plaisir. Projet politico-pédagogique.

NO MEIO DO CAMINHO / MALANDRAGEM

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Quem sabe ainda sou uma garotinha
Esperando o ônibus da Escola, sozinha
Cansada com minhas meias $\frac{3}{4}$
Rezando baixo pelos cantos por ser uma menina má...

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Quem sabe a vida é não sonhar?
Eu só peço a Deus um pouco de malandragem,
Pois sou criança e não conheço a verdade!

Carlos Drummond de Andrade, Cazuza/Frejat

I. CAMINHO LONGO... VIDA INTENSA

“Considero que a disciplina na coletividade infantil deve ter um caráter: o impulso de avançar. (...) Podemos nos orgulhar da disciplina que chama adiante, que exige algo do homem, algo mais que a inibição.”
Makarenko

Eu as trilhas que me trouxeram até aqui

O caminho parecia tão longo para as duas meninas. O tapapó, forma como era chamado naquele bairro, ou guarda-pó¹, era branco com emblema bordado, meias brancas, sapatos pretos, cabelo penteado, caderno, lápis, borracha e sonhos... .

O caminho parecia tão longo! Descer a calçada da casa dos vizinhos vindos do nordeste, a quem chamávamos “Pernambucanos”, era uma aventura; depois correr e bater na bandeira vermelha do açougue e correr muito.

O caminho parecia tão longo... Seria tão longo, ou elas, as meninas, eram muito pequenas? O caminho era longo, longo de desejos, de dúvidas, de prazeres, de futuro.

A chegada foi olhada, frestada, sentida de forma diferente, pelas duas meninas.

¹ Guarda-pó : roupa de tecido branco utilizado nas escolas como uniforme e para proteger do pó.(Dicionário de Língua Portuguesa. HOLANDA, 2003)

Mas, para que entendamos melhor o porquê desse olhar diferente é preciso que conheçamos mais cada uma delas.

Alice, loura menina, seis anos de pouca idade, mãe vitrinista dedicada, pai operário-padrão. Filha única, que tinha, como melhor amiga, a “outra”.

Luziara (Zaza), negra menina, sete anos de muita idade, mãe, dona de casa, (doente, não queria mais filhos, mas eles vinham e, se iriam vingar, só se Deus quisesse); pai, operário/pescador, dedicado, quatro irmãos vivos, fora os que se foram com a ajuda das dificuldades. Tinha, como melhor amiga, “aquela”...

Olhá-las era um grande prazer, diziam os vizinhos que à porta de suas casas tinham o hábito de assistir o “movimento” das crianças que iam e voltavam da escola. Poeiras de alegria flutuavam em torno dos corpos das duas meninas, enquanto corriam pela primeira vez para a escola.

Sala cheia, vários conhecidos (uma muito exibida; outro muito inteligente...), filhos de vizinhos. A professora era grande e sabia tudo. A escola era enorme, igual ao caminho. E o tempo, a partir daquele dia, tornou-se longo, largo, distante.

Alice terminou o primeiro grau, saindo-se muito bem. Fora baliza, carregara a bandeira da escola na Semana da Pátria. Teve o primeiro namorado... Já? Ora, após a festa de 15 anos, o pai permitiu, claro, já que estava no 2º grau!

Quase foi derrotada pela Escola de Magistério, que fez tudo para que ela perdesse o amor pela educação. Reprovou duas vezes, pois as exigências eram grandes, a escola era grande. Vinha de uma escola de bairro pequena.

Deparou-se com uma instituição diferente: cheia de corredores, grades, gentes e regras mais rígidas – a escola anterior também as tinha, mas, aos olhos da adolescente, podia-se sorrir mais.

Foi estudar Contabilidade no período da noite e trabalhar, apesar dos protestos dos pais. Parou de trabalhar para cursar Educação Artística-Artes Plásticas na Universidade Federal de Pelotas, estimulada por amigos e por um “belo rapaz”, e, apesar da vida apresentar algumas dificuldades, as notas eram ótimas. Formou-se e continuou buscando novas experiências. Começou a trabalhar na Escola Pública.

Mesmo trabalhando, iniciou um novo Curso de Graduação (Letras), mas não foi possível continuar. Precisava trabalhar e o curso era diurno. Foi-se um sonho, mas outros viriam.

Capacidade, coragem e extremo esforço levam Alice a conseguir acompanhar um grupo de estudantes e professores à França para fazer um curso sobre Sistema Educacional Francês ... Mentira?!? Não, talvez sorte, mas só, talvez. O que é certo é que ela foi. Trabalhou duro, estudou muito, teve muita ajuda dos amigos e da família, pois era tudo o que essa podia lhe dar. Foi e voltou, e um sonho se realizou.

Na vida, os sonhos podem ir e vir, mas as certezas, quando plantadas na essência do ser humano, não podem morrer. E ela voltou para a escola pública, voltou para trabalhar em uma escola localizada num dos bairros com maior índice de miséria e de violência da cidade de Pelotas. E a certeza permaneceu imutável: a educação seria sempre seu grande porto de partida e de chegada.

Casou-se com o “belo rapaz” e continuou trabalhando, agora na escola pública e na escola particular. Teve dois filhos e continuou trabalhando somente na escola pública, onde se desenhava um grande momento em sua vida : assumir a direção da escola em que trabalhava.

Que desafio! Que luta! Que caminho longo era aquele: entre a escola e a mantenedora². Que caminhos longos teve de percorrer durante a gestão. Caminhos que tinham de levar ao encontro com a comunidade e suas necessidades, suas frustrações e seus sonhos (seriam os mesmos da sua infância?). Continuou lendo a escola, vendo a escola, vivendo a escola, até ir trabalhar na Secretaria Municipal de Educação.

Agora o caminho até a escola se tornara mais longo, mas já não era tão bonito, tão fascinante. Caminho de angústias, de frustrações, de desejos sem realizações, de projetos sem execuções e de realizações sem projeto. Que tempo difícil, o poder de fazer e o impedimento pelo poder da vontade política ou pela falta dela!

Mas aquela menina tinha aprendido que com tudo e com todos se aprende e soube reconhecer, quando mulher/profissional, que o conhecimento da Rede Municipal de Ensino, na sua ampla estrutura e complexidade, seriam ganhos para toda sua vida.

Os diferentes saberes das escolas, as diferentes visões do fazer educação, fizeram com que ela comprovasse que é na dificuldade que se encontram os caminhos, embora, muitas vezes, longos, que nos levam à reflexão, ao conhecimento e nos dão a dimensão das transformações que podemos protagonizar, inclusive dentro de nós mesmos.

² Órgão responsável pelo provimento de recursos financeiros, administrativos e humanos. Neste caso a Secretaria Municipal de Educação e a Prefeitura do Município.

Hoje, aos 43 anos, de volta à escola, depois de atuar na Coordenação Pedagógica, atuar em Conselhos, formar-se em Artes, concluir Especialização em Educação, freqüentar 05 semestres do curso de letras, 04 semestres do curso de Pedagogia, participar de movimentos sindicais, tornar-se membro do Conselho Municipal de Educação e voltar à direção da escola, quando sai de casa percebe que o caminho até a escola ainda é longo, encantador e fascinante, que ainda flutuam poeiras de alegria.

Não nega que as expectativas são diferentes de 37 anos atrás, mas não são menos brilhantes, menos reluzentes, menos encantadoras.

Essa sou eu! E a Luziara? Bem, a Zaza ficou em algum momento no caminho, pois, para ela, ele, o caminho foi ficando cada vez mais longo e mais difícil. A vida, a escola, a sociedade não nos deram as mesmas oportunidades. Ela casou, cuidou dos filhos, e ainda cuida. Ela é feliz. Perdeu, talvez, a oportunidade de viver o que eu vivi ou muito mais.

Nós, a escola, a sociedade, é que perdemos de conviver mais com ela, que podia ter nos dado mais de sua experiência de vida, podia ter nos dado mais de tudo que tinha, de tudo que vivera e de tudo que nos ajudaria a viver.

Quero muito que Alices e Luziaras tenham as mesmas chances, que limpem a poeira das classes com seus sonhos e descortinem a nossa capacidade de conviver e viver com as diferenças culturais. Que nos mostrem que todos têm algo a dar, que não nos deixem esquecer outras Luziaras, que nos tornem mais humanos e pensadores, mais capazes de reconhecer que diferenças, sobretudo, não são dificuldades, que culturas não têm grau de importância e que a emoção da educação está para ser vivida, diariamente.

Importante, neste momento, dizer porque esses fatos foram escolhidos para me apresentar e/ou apresentar a inquietação que me move nesse mestrado. Poderiam ser outros, tão belos e tão importantes. Mas esses me mostram na essência. Vejo neles a criança indisciplinada³ que ficou de castigo na primeira semana de aula por conversar muito; a menina que foi para a secretaria porque perguntava demais; a jovem que foi diversas vezes repreendida por não entender porque Física no curso de Magistério era mais importante que Psicologia; a mulher que foi acusada de ser muito apaixonada por tudo, o que lhe impedia de entender porque a escola pública não podia ser de qualidade e aceitar que as coisas “são assim mesmo”.

Com efeito, esses momentos e cortes me mostram na emoção, me “descobrem” encharcada de encantamento pela escola e me ancoram na certeza de eterna aprendiz.

³ Pôr-se contra a instituição escola quando esta “ (...) la instituíó escola la que uniformitza, la que pontencia el conformisme, la competitivitat, l'obediència, l'autorepressió (...) (Traduzo como: “ (...) uniformiza, potencializa o conformismo, a competitividade, a obediência e a auto-repressão.” (CASAMAYOR, 1988, p.07)

“ (...) Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.

Um tanto de madeira
tirado de velhos móveis
talvez lhe dê apoio.

(...)

Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.

A cola se dissolve
e todo seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.

Amanhã recomeço.”

Trecho do poema : *O Elefante* - *Carlos Drummond de Andrade*

II. PRIMEIROS PASSOS

*“ (...) poder e saber estão diretamente implicados;
 (...) não há relação de poder sem constituição correlata
 de um campo de saber que não suponha, ao
 mesmo tempo, relações de poder.”*

Michel Foucault

Considerações sobre o tema a ser desenvolvido

Devo ressaltar, num olhar introdutório, que este trabalho de dissertação tem como intenção estudar uma escola onde não há violência. Escola que quer ser vista como “ (...) espaço relacional (...) organização onde vivem e trabalham professores, alunos e outros agentes, em estreita ligação e interdependência com o mundo exterior (...) ” (AMADO, 2000, p.08), como resultado de relações conceituadas em FREIRE (1999, p. 47) como:

(...) da esfera puramente humana, guarda em si, conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade (...) É fundamental partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.

Acreditando que essas relações estão agregadas a processos e conceitos que (re)dimensionam olhares e saberes sobre o tema proposto, penso trazer à luz das discussões do cotidiano escolar falas da Escola sobre como são (re)significados alguns conceitos diante das exigências que se apresentam a todo momento.

Para adentrar o assunto em questão, farei, inicialmente, um passeio por onde esse tema aflora, apoiada em autores que dedicaram e dedicam seu trabalho à compreensão do cotidiano da escola.

Penso ser este um assunto pertinente em um momento em que se pretende discutir questões que envolvem limites, comportamentos, relações e outras manifestações que crianças, jovens e adultos estão apresentando no dia-a-dia da escola.

Os trabalhos, os afazeres diários, os gostos, os desgostos, as leituras, enfim, cada pedaço de tempo, ensinaram-me a não buscar resposta/s terminais, mas a averiguar de forma rigorosa e consistente fatores que levaram a escola a encontrar caminhos para a condução de problemas tão sérios, e que caminhos são esses. Isto, obviamente, com um olhar que não deverá estar restrito aos muros da instituição, visto que as pessoas que lá estão trazem seu capital cultural, ou seja, “o produto da sua produção histórica, transcendente às vontades individuais.”(BOURDIEU, 2002, p. 49)

Através de caminhos que não sejam os da acomodação, dos conhecimentos enrijecidos, da fatalidade, do medo, da naturalização dos fatos e questões - ciente de que compreender certas conexões pode não ser tarefa fácil - atrevi-me, com este trabalho, a buscar o entendimento para as ações e para os saberes que envolvem relações dentro da escola, na esperança de que elas sejam, sempre, objetos de questionamento e de discussão.

Por ser uma instituição humana, criada e conduzida por seres humanos, a escola é um lugar onde partilham, num espaço de convivência, a mais variada gama de sujeitos, inspirando e expirando as experiências mais diversas, fazendo história, promovendo uma produção de relações repletas de interpretações, de problemas, de soluções. Relações que podem, portanto, ser

dissecadas para contribuírem de forma efetiva e clara com a comunidade escolar no que tange à complexidade e indiscutível beleza que nelas existem.

Minha prática escolar – e falo dessa prática pensando em Freire (1996, p.21) quando afirma: “ (...) o que falo não é fruto de devaneios intelectuais nem tampouco, resulta, apenas, de leituras, por mais importantes que nos tenham sido estas. Estão sempre ancoradas, em situações concretas (...) ”, faz com que eu acredite que todas as questões que perpassam pelas relações intra e extra-escolares, as representações sociais determinantes ou determinadas as vivências dos agentes do processo escolar e a (in)disciplina associada ao desinteresse dos estudantes, merecem ser objetos de estudos para que se tornem cada vez mais temas de conversa entre os/as educadores/as, num diálogo que se apresente como “encontro de homens que pretendem ser mais lucidamente humanos (...) comprometidos com o pensamento crítico, que percebe a realidade como processo de evolução, de transformação (...) ” (FREIRE, 1980, p.84)

A DÚVIDA E A CERTEZA

São Tomé – que, como todo o mundo sabe, foi a precursor da dúvida cartesiana – jamais perdeu a obsessão das verdades palpáveis e por isso foi parar no Inferno. Ora, os mais infelizes dentre os infernados são os arrependidos e um destes censurou tristemente a Tomé:

- Viste? Só de teimoso tu perdeste o Céu...

E Tomé:

- O Céu? Não sejas doido...Só existe o Inferno!

Mário Quintana

2.1. INDAGAÇÃO E INTENÇÕES

*“Mas, onde quero chegar : vou
mostrar-lhe, lá, bem no meio
do manancial, uma cousa
que vancê nunca pensou ver;
é uma roseira ,
e sempre carregada de rosas (...)”
João Simões Lopes Neto*

Metodologia de trabalho: O quê e como responder

Apresento, aqui, a maneira como conduzi este trabalho que olhou a experiência em uma escola municipal na cidade de Pelotas/RS, indagando, diante de tantos fatos e atos, se lá foi/foram encontrado(s) o(s) caminho(s) para superar os problemas de violência ou se ela os nega e/ou disfarça numa atitude de controle autoritário, embora “escondido”.

Antes gostaria de justificar a utilização do termo “violência”, que compõe o título deste trabalho, visto que no seu decorrer utilizarei outro conceito: “indisciplina”. Minha intenção é pensar todas as formas de repressão, opressão, invasão. Portanto, sinto necessário chamar atenção para essa forma de violência.

A indisciplina, assim como os atos de vandalismo, sejam eles praticados contra prédios ou pessoas, são formas de violência, tanto quanto o são os modelos de disciplinação, como forma de dominação.

Digo que, ao riscar uma parede da escola, o que constitui um ato de vandalismo e um ato de indisciplina, um estudante está cometendo um ato de violência; isso também vale para um professor que se utiliza do seu poder/saber para profetizar, no primeiro dia de aula, quais estudantes terão condições de aprovação, dedicando-se, então, mais àqueles que terão sucesso; vale, ainda, para um pai ou mãe que só aparece na escola no dia da matrícula de seu filho ou sua filha, sem nenhum outro envolvimento.

Portanto, pensei junto com autores e atores da minha pesquisa, o quanto as relações que promovem a autonomia e a não sujeição a regras impostas, mas a construção de “Sistemas Relacionais”, podem fazer a diferença na Escola. Materializei no binômio DISCIPLINA/INDISCIPLINA a violência explícita ou implícita na Escola, elegendo, então, como viés da violência escolar a ser analisado em meu trabalho.

Entendo que vivendo e compreendendo vitórias e derrotas, as pessoas compreendem seu papel na relação escolar. Uma vivência escolar de sucessivos fracassos pode fazer com que haja um afastamento ou um desencontro de objetivos entre o que estudantes e professores querem ou buscam da/escola.

Unindo processo ensino-aprendizagem centrado na criança e os princípios de uma educação democrática que se desenvolvem ao longo do século XX, pressupondo a formação do cidadão responsável, livre e participante, encontro grande contribuição para uma nova idéia de disciplina, que não descarta ou exclui sanções, mas que organiza um “Sistema de Relações Disciplinares”: fundamentadas na confiança, com atribuição de responsabilidades, com escolhas e colaboração, com o processo centrando-se nessas relações, que se são travadas dentro e fora da Escola, com os agentes que a compõem.

Não constitui matéria difícil pensar esse espaço de convivência, pois é nele que passo grande parte da minha vida. Novo, sim, é esse olhar através do que se mostra, do que se pensa e do que se faz. Esse foi, sem dúvida, ao longo da minha caminhada pelo Mestrado, o momento mais difícil, mas também o mais importante. Justifico esses adjetivos pois quando olho o trabalho que é realizado na Bibi⁴, olho sem dúvida o meu próprio trabalho, minhas próprias reflexões e opções aqui postas em xeque.

Como no Xadrez que se apresenta como um jogo de estratégia, ser pesquisador no mesmo ambiente onde atuamos, encontrando um ponto de distanciamento para verificar nossas hipóteses, exige, sem dúvida, também uma estratégia, pois o “xeque-mate” está sempre presente.

A isenção não é qualidade do pesquisador, esteja ele ou não envolvido afetivamente e/ou profissionalmente com o espaço/objeto e sujeitos pesquisados. O mundo da pesquisa exige conhecimento daquilo que se vai escrutinar e, para conhecer, é preciso comprometer-se. Todavia, aqueles que fazem parte do cotidiano pesquisado têm sobre si uma exigência maior.

Então, longe de ter passado por uma câmara de descontaminação, comecei essa pesquisa munida de todas as minhas afetividades, minha experiência, meus (pré)conceitos sobre a educação e a Escola pesquisada e encarei esse desafio, pois acredito que quanto mais eu tentasse me despir desses elementos mais distante seria a minha fala e menos eco ela teria nas minhas intenções com este trabalho.

⁴ Forma como carinhosamente é chamada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bibiano de Almeida por toda comunidade.

Diante dessa postura assumida me postei nessa Escola ocupando todas as funções que lá desempenho, cada uma a seu tempo e cada uma “dentro” da outra, como que ecoando a fala de Brandão (2003, p. 36/37): “Desconfio de uma objetividade em si mesma “neutra” e impessoal (...) entre o vírus e o microscópio estão cientistas, isto é, pessoas treinadas para fazer o que fazem, mas pessoas.”

Quando eu poderia deixar de ser mãe de estudante, professora de arte, diretora e pesquisadora? Difícil, não?! Então, o melhor é *ser* tudo o que se tem de ser, muito consciente de cada papel, pensando que não iria dar certo quando os papéis se confundissem demais, saboreando quando as informações chegavam aos meus olhos, ouvidos e anotações de forma organizada (nunca hermética). Portanto, resalto que minha pesquisa tem tudo de mim, e penso que talvez não conseguisse analisar algo que estivesse distante.

Assim, misturei-me a mim mesma e comecei, num exercício de introspecção/ação, a analisar a Escola vazia para senti-la como pesquisadora. A partir daí, chegaram aos meus sentidos seus sons, seus desejos, seus conflitos suas “gentes”, pois tudo aqui tem significado.

O portão, que hoje representa segurança para os pais, é mais aberto do que o antigo, que era inseguro; as salas de aula que tinham janelas pequenas e altas eram desagradáveis; hoje são baixas e grandes, permitindo que todos (de dentro e de fora) se olhem; as flores nascem nas floreiras e jardim, sem que sejam arrancadas; as portas dos banheiros não têm *graffitis* (e elas são bem branquinhas e lisas, o que favorece a “produção textual” e o desenho).

As pequenas mudanças na estrutura física, bem como a grande reforma que hoje acontece na Escola, foram sugeridas pela comunidade escolar. A planta da nova estrutura foi desenhada por professores e funcionárias e

sugerida ao setor de engenharia da SME, fundamentada nas sugestões de todos que circulam por ali.

Neste momento, lembro de uma conversa informal que tive com a professora de história Silvia Becker (na época presidente do Conselho Municipal de Educação), quando relatou um fato que associa a essa ação na Bibi : “ Na Holanda, os lugares determinados para serem praças são deixados abertos e sem melhorias durante um tempo até que as pessoas que por ali passam “mostrem” onde deverão ser construídos os canteiros, pois elas determinam os caminhos. Essa ação faz com eles, os canteiros, não sejam pisados, pois não atrapalham.”

Ela, a Escola, é cheia de cor, parece “descomportada” e “exibida”, pois mistura, nas paredes, nos bancos e nos armários, cores como o laranja, o verde e o azul, o que lhe confere uma atmosfera jovem, mesmo com seus 77 anos; a parte histórica⁵ é laranja, tem floreiras nas janelas e nas portas; as janelas não têm grades nem telas de arame (lembrem-me as nossas casas no tempo de criança, quando ainda aqui neste mesmo bairro não ficávamos aprisionados); o muro é mais baixo do que era no tempo da insegurança, mas ainda mantém uma tela de arame para que a bola não saia para o “meio da rua”, dizem as crianças (nunca as ouvi dizendo que era para evitar que alguém entrasse).

Em alguns momentos permaneci na Escola quando todos já haviam saído ouvindo o silêncio inquieto e sentindo a energia dos corpos que ainda teimava em circular nos espaços. Este exercício ajudou a estabelecer meu vínculo como pesquisadora e, então, fazer uma abordagem mais significativa e aprofundada utilizando os mecanismos que vou explicitar.

Experiências vivenciadas, falas, comentários, festas, planejamentos, discussões, preocupações, são elementos que foram analisados e surgirão ao

⁵ Refere-se ao prédio construído em 1928 para ser a Escola que foi recentemente restaurado e é utilizado como sala de aula da Pré-escola.

longo deste trabalho, pois eles dão conta das categorias que afloraram através da observação inicial, não estruturada⁶, dos espaços coletivos⁷ (recreios de professores, funcionárias e estudantes), das reuniões (geral de professores e funcionárias e somente de professores), de passeios, merenda, sala de aula, momentos onde quem estava chegando era a diretora ou a professora, mas que mereceram da pesquisadora uma atenção especial. Essas vivências que levaram à realização de observações estruturadas⁸, em consonância com categorias presentes e/ou afloradas nas primeiras observações.

A coleta de dados, feita através desses olhares, fez surgir indagações que levaram à formulação de narrativas concretas⁹, que foram respondidas pelos segmentos que fazem a Escola : estudantes de 6ª série em 2004 (escolha que fiz por entender que esses estudantes, na sua maioria, têm uma vivência de mais tempo na Escola, o que contribuiu no momento da investigação, pois foram partícipes nas transformações que a Escola passou nos últimos anos), seus professores e funcionárias.

Com grande facilidade obtive a incorporação da maioria dos estudantes e de todos os outros segmentos à pesquisa. Mostraram-se ansiosos para ajudar e mesmo estudantes cuja participação não estava prevista, os advindos de outras escolas nesse ano, quiseram associar-se a ela, pois já tinham escutado falar em pesquisa mas nunca haviam tomado parte em uma ou tido a chance de falar algo sobre sua escola.

⁶ “Antes de decidir o que estudar no grupo deve informar-se (o pesquisador) da estrutura informal da escola.” (BIKLEN, 1991, p.91)

⁷ Foco do estudo centrado numa organização particular (no caso a escola), em local específico de pessoas (alunos de 6ª séries, professores e funcionárias)

⁸ “É a partir de pontos de vista ou de idéias de valores socialmente determinados que o cientista escolhe o objeto de estudo, seleciona e acentua os aspectos principais, atribui significado aos fatos e às suas conexões.” (THIOLLENT, 1987, p.42)

⁹ Questões que apresentam situações do cotidiano onde o entrevistado necessita formular opiniões e /ou encaminhar soluções.

Outros elementos pesquisados foram o Projeto Político-Pedagógico e os Planos de Estudos da Escola, que apontam inovações com relação à distribuição de carga horária e à seleção de disciplinas pertinentes a cada série (as quais estarei apresentando no decorrer do trabalho). Deve-se salientar que eles contêm o momento e os desejos da Escola, e torna-se importante saber como e por quem são elaborados, visto que ouvi diversas vezes, enquanto observava reuniões, as frases “ - Está no nosso Projeto”, “ - Está nos Planos de Estudos”. Verifiquei, também, a relação da Escola com o Conselho Tutelar, se possui e se é utilizado o livro de ocorrências disciplinares¹⁰.

Utilizarei letras maiúsculas para identificar as funções na Escola: E= estudantes, F = funcionárias, P = professores, com números sucessivos (E1, E2; F1, F2; P1, P2...), para identificar e organizar as falas, já que no momento dos questionários foi solicitado que os entrevistados não se identificassem. Nas conversas informais, que continham informações sobre a história da Escola, fui autorizada a citar os nomes das pessoas .

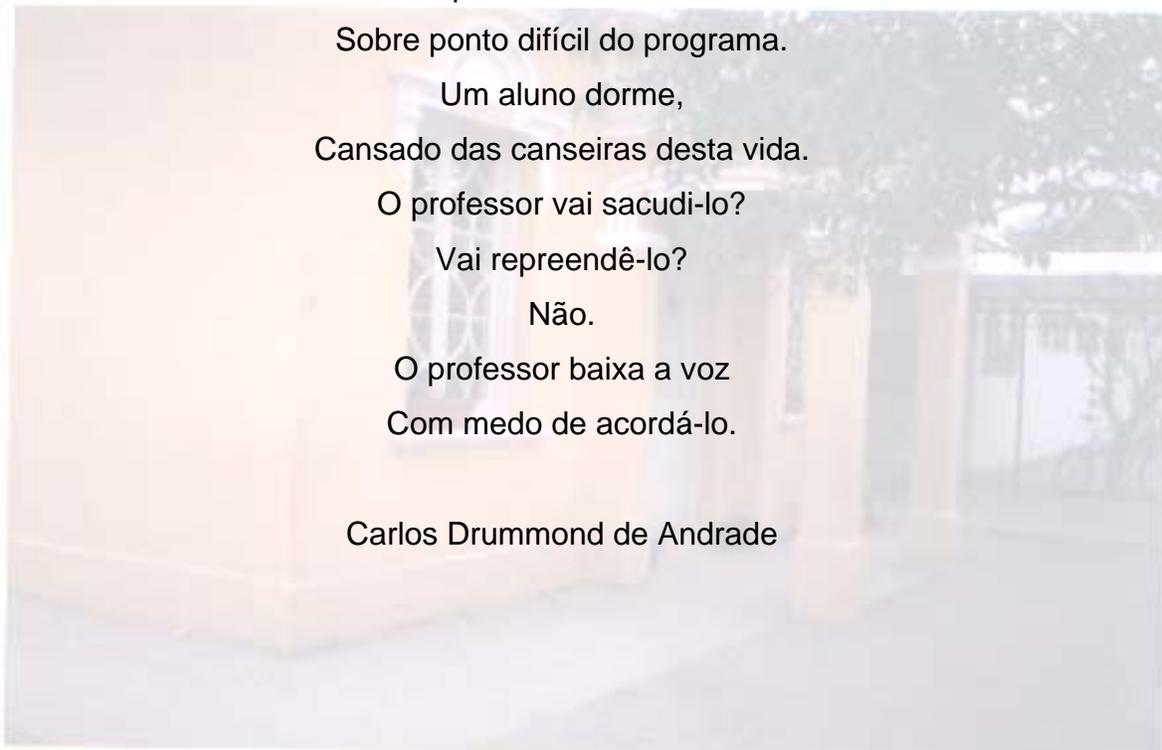
¹⁰ Livro que algumas instituições escolares têm para registro de atitudes de alunos consideradas indisciplinadas.



PROFESSOR

O professor disserta
Sobre ponto difícil do programa.
Um aluno dorme,
Cansado das canseiras desta vida.
O professor vai sacudi-lo?
Vai repreendê-lo?
Não.
O professor baixa a voz
Com medo de acordá-lo.

Carlos Drummond de Andrade



III. HISTÓRIA, MITO E REALIDADE

*“(...) O que seria do professor que não preparou
bem a sua aula se os alunos reclamassem?*

A disciplina é necessária!

(...) O que seria do senhor, se o escravo se rebelasse?

A disciplina é necessária! (...)”

Celso Vasconcelos

Que Escola é essa?

De acordo com o Decreto 1739, de 17 de agosto de 1928, foi criada a Escola Rural “Bibiano de Almeida”¹¹, pelo doutor Augusto Simões Lopes, intendente do município de Pelotas.

Localizada na Avenida da Paz, 80, próxima à Praça da Liberdade (endereço interessante, pois confluem duas ruas/palavras com sentidos muito significativos para o tema desse trabalho), está fincada há 77 anos essa Escola, agora, Escola Municipal de Ensino Fundamental Bibiano de Almeida, já chamada ao longo da história de Grupo Escolar e de Escola de 1º Grau Incompleto, mas sempre Bibiano de Almeida - *Bibi*, para nós.

A professora Noely de Souza Canieles, em entrevista à professora Edelvira Silva de Oliveira, quando esta realizou sua pesquisa sobre a história da escola, para produção de artigo de conclusão do Curso de Especialização em Educação FaE/UFPel, relatou que assumiu a direção da escola no período de dois de março de 1959 a agosto de 1960:

¹¹ Bibiano Francisco de Almeida, nasceu a 19 de setembro de 1838, em Belém Velho/RS, onde passou sua infância juntamente com o Padre Chagas, que era gramático e latinista.

Nessa fase a escola era muito tranqüila, onde a relação entre professoras e um professor, funcionárias e pais acontecia de forma harmoniosa e solidária. As professoras e o professor costumavam reunir-se para elaborar o plano diário e o plano geral. Os docentes dessa época tinham que estar com os seus diários de classe em dia para serem supervisionado pela intendente da época.

Havia o turno da noite em que a professora Noely assumia as aulas de Português. Os estudantes participavam efetivamente das festividades da escola, costumavam ajudar na confecção de cortinas e na pintura da escola, relatou, também, a professora .

Vivendo um período quando os diretores eram indicados pelo Poder Público Municipal, a escola continuou sua trajetória de integrante de um sistema educacional forjado pelo período ditatorial. Em 1982, quando houve a primeira eleição para diretores das escolas públicas municipais, a comunidade escolar começa a viver um tempo de grandes conflitos.

Com a candidatura ilegal¹² da então diretora e com problemas de relacionamento existentes entre as professoras, as funcionárias da escola e a comunidade, houve a impugnação da urna e a intervenção feita pela SME¹³. Em janeiro de 1989 foi designado para o cargo de diretor/interventor o professor Doralino Cunha, na época supervisor da área de Ciências da SME.

Com espírito empreendedor, sabedor das grandes dificuldades pelas quais passava a escola, com muita sensibilidade e com o conhecimento que detinha sobre a educação nas classes populares, o professor Doralino inicia o trabalho de içamento¹⁴ da confiança da comunidade, em que a escola podia “ser boa”, produzir positivamente.

¹² Ilegal, pois o decreto eleitoral proibia a candidatura de professoras(es) aposentados ou em processo de aposentadoria, e a referida professora já estava aposentada.

¹³ Secretaria Municipal de Educação

¹⁴ Utilizarei esse termo por entender que preenche com mais propriedade e idéia de trazer à tona algo que só está encoberto.

Depois de um ano de trabalho o professor Doralino teve de se afastar do Magistério. Para que o trabalho iniciado não fosse interrompido, o grupo de professores indicou a mim, então lecionando Educação Artística na Escola, em uma reunião junto com a SME, para assumir interinamente a direção da escola até que novas eleições fossem marcadas. Assumi, a direção da Escola em 05 de março de 1990, tendo sido eleita em 23 de março de 1990 para um mandato de três anos.

A partir de então deu-se continuidade a uma série de ações e criaram-se outras que contribuíram para o içamento da confiança que a comunidade precisava ter na escola e da auto-estima de pais, estudantes, professores e funcionárias.

Foram aos poucos ocorrendo mudanças administrativas, como a racionalização do trabalho burocrático, a organização administrativa interna, a recuperação e organização da documentação, bem como pedagógicas, com as reuniões pedagógicas e as leituras coletivas de estudo; ainda na área física, com a reforma do prédio.

Os pais dos estudantes começaram a discutir os problemas que a escola enfrentava e a opinar sobre os projetos que estavam sendo pensados no que diz respeito às melhorias de que a mesma estava necessitando. Isso fez com que se sentissem parte integrante da escola, o que, de certa forma, contribuiu para um melhor desempenho das crianças em sala de aula e na melhoria da qualidade da relação entre pais, professores, funcionários e direção. Essa informação baseia-se nos índices¹⁵ de participação de pais em reuniões e na observação da alegria com que as crianças relatavam cada vez que viam seus pais na escola.

¹⁵ A freqüência às reuniões gerais de aproximadamente 70 % das famílias, nas entregas de pareceres esse índice chega a 90 % e na rematricula, quando é feita a avaliação final da escola por parte da comunidade, chegou a 98%, conforme registram atas, listas de presenças e questionários preenchidos.

Foi um trabalho árduo, em que o respeito e a dignidade de todos os envolvidos no processo teriam de ser uma conquista cotidiana, independente de quem estivesse na administração pública e/ou na direção.

Havia muita vontade de que a escola desse certo, e penso que essa vontade de mudança no grupo foi estabelecendo um vínculo muito forte com meu objeto de pesquisa, que estou começando a apresentar, pois ambos – o grupo e a pesquisa - pretendem um “pensar certo”, parafraseando Freire: “pensar certo com disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não apenas o cronológico”.(FREIRE, 2002, p. 39)

E as mudanças continuaram acontecendo...

Em 1994, com a direção da professora Luciane Tavares Pinheiro, que acreditava nesse projeto de parceria com a comunidade, deu-se continuidade aos projetos já sonhados, dos quais a nova diretora fazia parte. Começava a caminhada do “pensar coletivamente”. Acreditávamos que a alternância na direção é salutar, para que existam olhares diferentes criados pela ocupação de outras funções dentro da Escola. Visando à permanência dos alunos na Escola, reduzindo ainda mais o número de abandonos, a estabilidade da quadro docente e de funcionárias e à intensificação das relações com a comunidade, começaram a ser pensados projetos que dessem conta do cotidiano escolar, que proporcionassem a participação da comunidade e que correspondessem aos seus interesses e necessidades.

Havia uma grande preocupação por parte da direção em promover atividades que envolvessem, cada vez mais, a comunidade escolar, como: oficinas pedagógicas, clube de mães, gincana do lixo, campanha da paz, reuniões de entrega de boletins, encontros promovidos pela escola com especialistas em

educação e saúde e uma maior interação dos pais com a vida escolar de seus filhos e filhas e com a realidade da instituição onde os mesmos estavam matriculados.

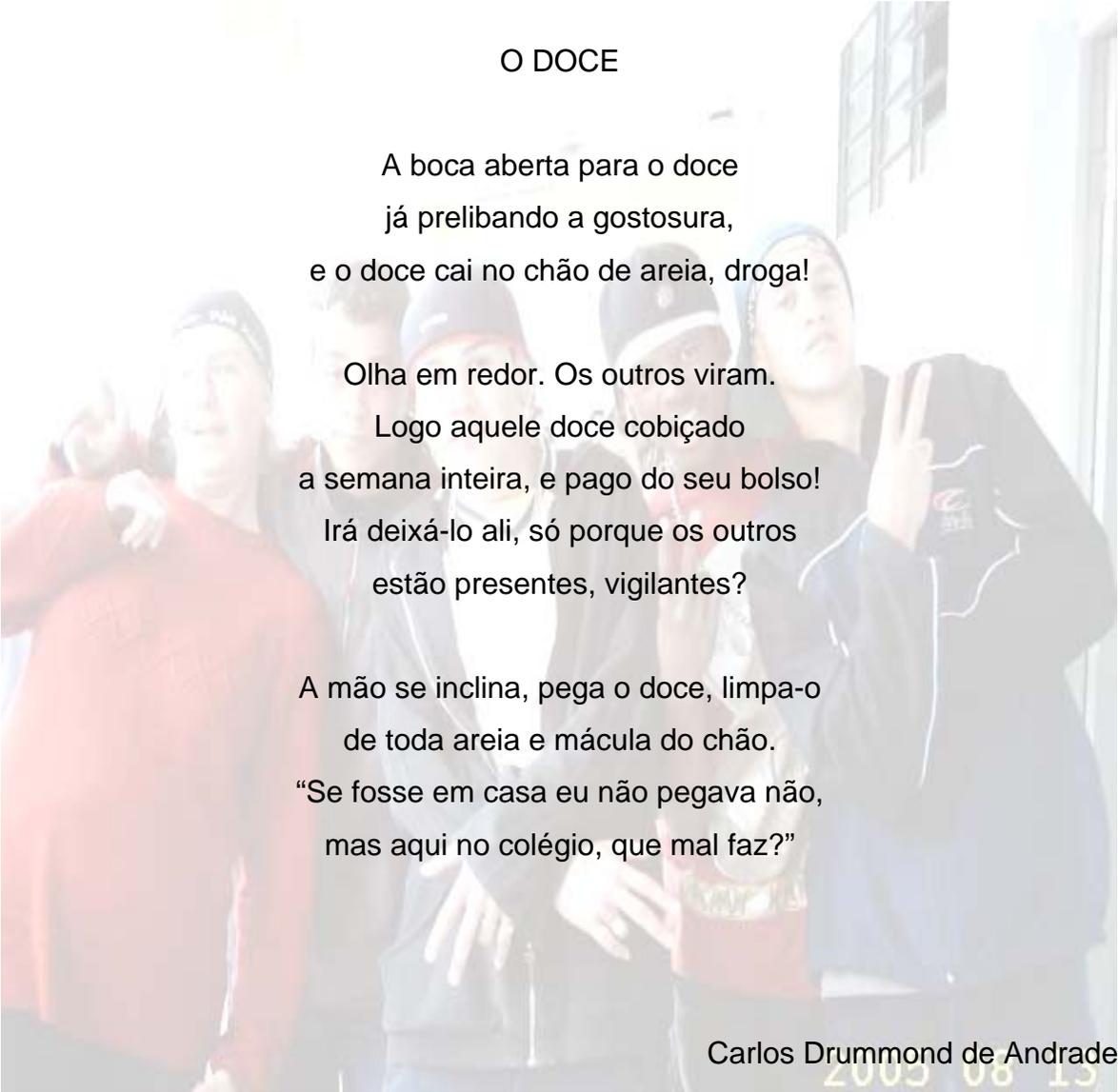
Esses pais começam a se interessar mais pelos problemas que afetam o funcionamento da escola, começando pelo trabalho do Clube de Mães, que funcionou como propulsor de uma relação mais próxima com a comunidade. A seriedade com que os pais passam a ver seus anseios serem, na medida do possível, atendidos, levam-nos a passar a opinar e sugerir formas de como solucionar as situações/problemas que se apresentam no dia-a-dia, colaborando, assim, com os professores(as) na realização dos projetos.

Até o fim dos anos 70 a escola apresenta-se como exemplo de educação no município, pois para o que se propunha na época a educação pública, ela atendia e ultrapassava os limites nas boas relações e no cumprimento das tarefas que lhe cabiam; passa, nos 80, a ser olhada e julgada pela comunidade por ausência de relações com essa mesma comunidade, pela degradação do espaço físico e pela indisciplina dos alunos.

Na mitologia grega, mais precisamente no mito de Fênix, que nos apresenta um pássaro que ressurgue das próprias cinzas, encontro a significação da Bibi dos anos 90 e situo sua história contemporânea e cotidiana na carta que José Pacheco escreva para Alice, sua neta, intitulada “Uma história quase infeliz” que diz: “Como vê, é tudo uma questão de tempo, esforço e esperança. Tudo o que é justo e verdadeiro ergue-se das cinzas, como a Fênix (...). As gaivotas da nossa história continuaram a sobrevoar mares longínquos em busca de novos sóis, animadas da coragem que permite reconstruir ninhos devassados (...). Assim, a Escola hoje apresenta-se com: 37 professores, 12 funcionárias e 465 estudantes, distribuídos em 3 turnos, com equipe diretiva formada por 3 pessoas (diretora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional – sendo as duas primeiras eleitas pelo voto direto, conforme lei municipal), sendo considerada

pela comunidade um espaço educacional que busca aprimorar, nas relações internas e externas, marcas de parceria, afetividade e compromisso.

Desenhando esse mapa que marca a minha trajetória, adentrando nas nossas histórias (minha e da Escola), que em determinados momentos têm seus cruzamentos, suas paralelas e suas perpendiculares, nos primeiros passos deste trabalho, passando pelas minhas intenções e indagações, torno mais objetivo o olhar que tenho dos setores, das pessoas, das vidas e dos sonhos que permeiam as relações e ações que analisei aqui.



O DOCE

A boca aberta para o doce
já prelibando a gostosura,
e o doce cai no chão de areia, droga!

Olha em redor. Os outros viram.
Logo aquele doce cobiçado
a semana inteira, e pago do seu bolso!
Irá deixá-lo ali, só porque os outros
estão presentes, vigilantes?

A mão se inclina, pega o doce, limpa-o
de toda areia e mácula do chão.
“Se fosse em casa eu não pegava não,
mas aqui no colégio, que mal faz?”

Carlos Drummond de Andrade

2003 08 13

IV. (IN)DISCIPLINA, EU QUERO UMA PRA VIVER !

“ (...) Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas! Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo? (...) ”

Álvaro de Campos

O tema e os autores: Freire e Foucault foram matriculados.

Agora, precisam participar das decisões.

Observo através de contatos que faço, falas que ouço (sejam “faladas” ou “escritas”) e experiências vividas que ainda temos em todos os lugares uma escola (instituição) fértil em ações como: exercícios de mera repetição feitos em sala de aula, formas de organização e distribuição de estudantes por idade, adiantamento e índices de repetência, formas de punição e formatação de regras, que podem ser localizadas ou mapeadas em todos os tempos históricos e em todas as teorias do comportamento humano e das relações. Base do pensamento capitalista/dominador/colonialista, a escola¹⁶ ainda centraliza-se na “disciplinação” como forma de certificar-se de que está cumprindo seu papel de “transmitir” conhecimentos para garantir a perpetuação de uma sociedade injusta, seja de forma perversa, seja de forma ingênua.

¹⁶ Inclusive a Bibi, na medida em que faz parte de um sistema legal e organizacional que procura manter uma sociedade individualista e competitiva, mesmo que esteja lutando para mudar

A partir de reflexões fundadas no ideal que me invade de que a escola deve ser um lugar onde se pode (com)partilhar, ouvir todas as vozes e viver todas as relações, derrubando muros, arrastando classes até que se formem grupos, desfazendo fileiras para, ao invés de se ver nucas, se possam ver os olhos e, por conseqüência, os desejos daqueles com os quais dividimos o mesmo espaço de convivência, quero ao mesmo tempo ter o cuidado de mostrar essa Escola sem a intenção de instituí-la como “oásis”.

Mostrarei, nos capítulos que se seguem, que para estudar uma escola que se utiliza de mecanismos de controle explícitos, como o diálogo e o compromisso, com regras formuladas pelos parceiros, como foi dito nas falas dos pesquisados, devo, sobretudo, dialogar com autores que fizeram de seus trabalhos suporte para aqueles que tiveram ou têm a mesma preocupação em tornar a escola menos perversa e/ou ilusória nas suas intenções.

Partindo de uma análise estrutural quanto à formatação do espaço físico (concreto) das escolas e dos olhares por ela (re)velados através dessa disposição formal, podemos verificar o quanto as instituições escolares deixam de objetivar seu trabalho na idéia do estudante/cidadão para então formar alguém subserviente, a serviço *de*, como aparece explícito no Panóptico. (SILVA, 2002, p.66/67)

(...) quem quer que seja que estabeleça uma escola de acordo com o máximo do princípio da inspeção tem que estar bem seguro a respeito do mestre; pois, da mesma forma que o corpo do menino é o fruto do corpo de seu pai, sua mente é o fruto da mente de seu mestre; com nenhuma outra diferença que não aquela que existe entre o **poder** de um lado e a **sujeição** do outro.”(grifo do autor)

Na fabricação de corpos e mentes dóceis, a escola estrutura-se, ainda no século XXI, como instrumento de reprodução sutil, utilizando-se de dispositivos punitivos que, se não mais encontram refúgio nos corpos, hoje tão protegidos

pelas leis, penetram nas mentes como inocentes olhares e falas, mas que são portadores de regulações nas relações e nas ações.

Arrumadas entre muros ou cercas, instituídas nos conventos para facilitar o controle interno, os muros que cercam as escolas há muito determinaram o controle dos que estão dentro deles e a não interferência dos que estão fora. Hoje os muros são justificados pela violência externa. Indago: - *Se quando os muros foram colocados o controle era o motivo, os muros hoje seriam derrubados se não houvesse violência?*

O espaço escolar constituído como é atualmente, fundado no século XVIII, se mantém dividido por séries, períodos, classes, fileiras, idades, matérias que, individualizando corpos, possibilita a origem de uma rede de relações partidas, limitadas e arranjadas de forma a manter uma classificação de acordo com a sensibilidade do professor que poderá, se quiser, na solidão da sua sala, ainda separar os estudantes em novas categorias: dos que sabem mais, dos mais educados, dos mais comportados, dos mais limpos, etc., como propôs La Salle (in Foucault, p.126, 2002).

Ouso, então, em meio a tantas publicações sobre indisciplina e violência escolar, analisar e apresentar, apoiada em Freire e Foucault, uma experiência que se mostra “diferente” no que tange à forma de lidar com as questões relacionadas com a disciplina escolar, investigando como uma escola de bairro faz para que não haja ou para que seja minimizada a indisciplina.

Mesmo anteriormente a este momento do trabalho, venho explicitando a importância das minhas referências teóricas e demonstrando, implícita ou explicitamente (através de citações e falas) a linha com a qual amarro meus pensamentos sobre educação. Mesmo assim, optei por um momento em que, de

forma mais esclarecedora, conto um pouco porque escolhi os autores acima citados.

Quando eu disse que gostaria de trabalhar sobre (in)disciplina na escola, como se fosse uma enxurrada as pessoas diziam : “- Foucault, tens que trabalhar com ele.” Já o havia encontrado em alguns textos, mas a partir daí passei a fazê-lo com mais atenção e a buscar a compreensão e contextualização de sua fala para o propósito do meu trabalho, mesmo temendo sua complexidade tão decantada.

Questões como: “O que esse autor pensa ser indisciplina?” ou, “ele pensa que não devemos ter disciplina?”, seguem meu olhar quando leio. Nem poderia ser diferente com Foucault, que não se fecha em si mesmo com respostas prontas e verdades a serem seguidas. Ao contrário, nos dá pistas, nos autoriza reflexões e muito estudo histórico e filosófico para que possamos, da forma como mais for aprazível¹⁷, pensar a educação e a nossa própria vida.

Foucault apresenta uma teoria que, num processo de desmembramento, avalia as (re)ações que acontecem na escola, enquanto instituição promotora da reprodução de uma sociedade individualista e hierarquizante. Não o vejo maldizendo as relações que são fundamentadas no respeito e na afetividade, mas me faz pensar, sim, analisando, que mesmo essas são permeadas por relações de poder.

As relações produzem poder. Numa articulação entre submissão e luta, busca-se romper com os mecanismos de poder gerados, mas nesse momento geramos outros mecanismos, por vezes menos sórdidos, menos perversos.

¹⁷ Aberto assim, pois penso que a complexidade de Foucault não se dá por ser hermético mas, sim, pelo aprofundamento nas questões, o que lhe confere a qualidade de abrir caminhos para o diálogo com outros autores e com diferentes experiências.

Reflieto, então, sobre a relação PODER – DISCIPLINA, pois a simples presença física do professor na sala de aula estabelece a disciplina e admite o poder normativo da escola.

Um dos fatores que diferencia a BIBI é o poder punitivo, que se dá através da “conversa”, como dizem os estudantes, sempre com a intenção de fazer com que todos compreendam a sua participação naquilo que feriu, de alguma maneira, as regras estabelecidas pelo grupo. A “punição” não pode ou não deve ser atribuída somente aos estudantes, mas a todos os partícipes da situação-problema, que devem procurar as soluções. Nesse momento faz-se necessário ter a consciência de que os conflitos não são unilaterais e que, portanto, as soluções também não devem sê-lo.

Parafraseando Foucault, digo que não adianta os estudantes tomarem a torre que controla tudo de assalto para a derrubada da disciplina e/ou da autoridade, porque no momento em que fizerem isso estarão assumindo o controle e portanto instituindo uma nova forma de regulação e autoridade. Penso, então, que a disciplina da renúncia, onde imperam o silêncio, as normas pré-estabelecidas e a acomodação, é que deve ser banida das escolas, desritualizando a nota e as provas (exames), pois são reafirmadores das individualidades e das diferenças, ousando usar a autonomia que é anunciada nas leis que embasam a educação brasileira e das quais, seja por desconhecimento ou acomodação, as escolas abrem mão em nome das regras outorgadas e desprovidas de identidade, de “cara”.

O que fazer agora ? Fechar as escolas ? Tornar cada indivíduo “auto-aprendiz”, desligado de toda e qualquer relação, pois esta supõe poder e, portanto, é nefasta?

Afinal, não penso que Foucault tenha tido a intenção de “exterminar” a Escola. Talvez, sim, exorcizá-la, não acabar com ela. Tirou-nos a venda que

cobria os olhos, limpou a lente dos óculos para que pudéssemos olhar e buscar soluções em reflexões produzidas através de experiências criadoras de caminhos por onde possamos romper de forma às vezes radical, às vezes sutil (tanto quanto os mecanismos de repressão o fazem, e aí encontro função para a metáfora das *ações-cupim* sobre que reflito no decorrer deste trabalho), com o que não interessa a crianças, jovens e adultos que hoje ainda procuram a Escola vendo-a como um lugar onde “o presente, a alegria do presente e mesmo a festa do presente ocupam um espaço considerável.” (SNYDERS, 2001, p.35)

Alicerçada na importância da contextualização e na reflexão das práticas, adentro nas leituras de Freire, por entender que pesquisa no Brasil, na escola, na periferia, feita por professora, sobre relações, sobre as “gentes” que fazem a escola, é impossível sem Freire, me convençam...!

No dinamismo da sua obra, cuja releitura torna-se impossível visto que se apresenta sempre como uma primeira leitura, ao apontar e propor que o diálogo é ponto de referência para as relações na escola e na vida, Freire abre possibilidades de ligação com autores que, num primeiro momento, podem parecer impossíveis, obviamente quando faz-se uma leitura casual e/ou secundária.

Freire tornou-se cada vez mais fundamental às minhas intenções na medida em que fui avançando na pesquisa. Nas análises que fiz e nas categorias que surgiram, mesmo que ainda tenhamos uma escola desenhada por Foucault, encontro em Freire as trilhas por onde podemos avançar para transformar o espaço escolar.

Propus um exercício de diálogo e procurei evidências, proximidades e distanciamentos ao olhar a disciplinação pensando em questões como : “que regras a escola tem e quem as elaborou ?” e “que relações permeiam e adentram esse cotidiano escolar ?”

Assim, desenvolvi este trabalho de dissertação, alicerçado em Paulo Freire que se encontra com Michel Foucault, numa “perpendicularização¹⁸” construída, também, com outros autores; com as contribuições daqueles que dividiram comigo esse espaço acadêmico; com minhas observações, as práticas e as falas daqueles que fazem parte do universo que pesquisei.

¹⁸ Como estamos sempre fazendo escolhas quando realizamos um trabalho dessa seriedade, optei em fazer referência às ligações que procuro em Freire e Foucault como perpendiculares, pois penso Freire como eixo central, Foucault como linhas de análise que são fundamentais ao trabalho, mas que não precisam, necessariamente, cruzar-se, basta que tenham sido pensadas pelos dois autores, respeitando características, formação e objetivos do trabalho de cada um. Isso vale para todos os outros autores com quem dialoguei. Explico que, em geometria, as perpendiculares são linhas que formam ângulos de 90°, e que diferentemente das paralelas, mantêm ponto visível de origem e de convergência uma na outra.

“ Vocês que fazem parte dessa massa
que passa nos projetos do futuro
é duro tanto ter que caminhar
e dar muito mais que receber
e ter de demonstrar sua coragem
a margem do que possa aparecer
e ver que toda essa engrenagem
já sente a ferrugem lhe comer.
Lá fora faz um tempo confortável
a vigilância cuida do normal...

Não vou me adaptar

Será que eu falei o que ninguém ouvia

O povo foge da ignorância
apesar de viver tão perto dela

Será que eu escutei o que ninguém dizia

e sonham com melhores tempos vindos
contemplam essa vida numa cela
esperam nova possibilidade...

Eu não vou me adaptar. ”

Trechos dos poemas musicais : Admirável Gado Novo – Zé Ramalho

Não vou me adaptar – Nando Reis

V. ESCOLA: ESPAÇO DE CONFLITOS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

*“Pensar uma escola onde
os conflitos sejam eliminados
seria impossível.”
Livro Ética/MEC*

Admitindo seus problemas e limitações; garimpando alternativas

Reunindo uma diversidade de pensares, ações, olhares, a Escola apresenta-se como um espaço de conflitos, o que lhe confere um perfil muito instigante e prismático, pois encerra múltiplas facetas com cores e reflexos diferentes e muitas vezes antagônicos.

Nas reuniões pedagógicas que a escola realiza semanalmente pude observar algumas reações que ilustram bem essa minha fala anterior, pois revelam num primeiro olhar toda essa diversidade.

Discussões que parecem simples, num olhar rápido, revelaram-se ao longo da pesquisa pontos determinantes para meu trabalho, como, por exemplo, a discussão sobre a formatação do *Parecer Descritivo*, documento que a Escola usa para entregar aos pais com texto formulado pelos professores contendo a avaliação de cada estudante (substituiu o antigo Boletim de Notas). O debate a esse respeito tem se mantido muito acirrado para a definição dos termos que serão utilizados e que significado eles têm, bem como a preocupação com os processos de aquisição de conhecimento dos estudantes e a retomada de grupos de estudos para entender a escola (instituição) na sua origem e que influências históricas ainda “sofremos” ou nos são úteis.

Espaço de conflitos, que legitimam a condição da Escola como espaço em constante movimento e transformações. Isto se verifica neste momento tão intenso em que se começa a fazer a revisão e reestruturação dos conteúdos programáticos de todas as séries e disciplinas, surgindo uma diversidade de opiniões e formações, além de outros momentos nos quais acentuam-se as discussões. A Escola está crescendo, tanto no número de estudantes como na chegada de novos profissionais, levando a situações de desestabilização, o que torna imprescindível fortalecer as ações que fazem com que todos, na sua atitude individual e coletiva, entendam-se importantes no processo pedagógico. Isto, percebo na fala da P1, quando diz que : “ (...) aqui não fizemos nada sozinhos e nem sem o apoio e a ajuda de todos.”

Essas situações forjaram o encontro de alternativas para o redimensionamento dos conflitos, pois os mesmos são entendidos como combustível para as transformações. A relação com as famílias leva a ações que despontam no atendimento respeitoso e gentil aos pais e/ou responsáveis pelos estudantes. Que é reforçado pela resposta de P2: “- (...) o melhor das reuniões é quando ouvimos os pais.”. A receptividade aos novos estudantes, professores(as) e funcionárias) aparece quando E1 diz que “Eu gosto muito dos meus amigos, por isso indicaria a minha escola para eles”. O constante olhar-se e olhar o outro como um igual com suas diferenças é explicitado na fala de E2 :“ (...) qualquer aluno, até o pior¹⁹, aqui passa a gostar de estudar, os professores se interessam pelos alunos e isso é muito importante.”

Neste momento busco referências em Makarenko, que mesmo com um modelo institucional que representava e visava manter o sistema em vigência, num funcionamento proposto de cima para baixo, criou e dirigiu instituições exemplos de autogestão educativa, onde a disciplina não era compreendida como

¹⁹ Quando indagado sobre o que seria “o pior”, o estudante explica que alguns colegas que chegaram de outras escolas com esse “rótulo” agora estão sentindo-se bem.

um método e, sim, como resultado de trabalho, lançando-se numa experiência em que todos são importantes para o processo a desenvolver.

Pensando a inclusão do sentido de coletividade que “ (...) não significa padronização de comportamentos e sim combinação de comportamentos” (VASCONCELOS, 1994, p.44), nessa sociedade tão individualizada; olhando com atenção suas idéias sobre *caráter, responsabilidade, vontade e perspectiva*, temas constantemente cobrados de nossos jovens; por ter ele sido um educador que reuniu carisma e capacidade criadora, para nós que vivemos tempos da palavra “fracasso”, por tudo isso percebo Ánton Makarenko²⁰ como alguém bem sucedido naquilo que se propôs, colocando-se contra os preconceitos, partindo da realidade e dos sujeitos, para propor-lhes mudanças.

Isto posto, penso que pode ser, no mínimo, alentador o entendimento de que através das idéias de Makarenko - que investem sobre um coletivo forte, definido por VASCONCELOS “não como um processo despersonalizador mas, pelo contrário, como o principal instrumento de construção da individualidade; (1994, p. 43), e bem organizado, onde o educador não apenas age relacionando-se diretamente com o estudante, mas organizando esse meio coletivo, com uma disciplina consciente e assumida por todos – possamos, quem sabe, embalar nossas ações e minimizar e/ou burlar algumas regras impostas pelas denúncias de Foucault.

Existe um pensamento de que a Escola deve resolver todos os problemas apresentados por aqueles que a freqüentam e até responsabilizar-se pelos que não conseguiram vagas (superlotando salas como se fossem depósitos, empilhando estudantes como se fossem objetos que aparecem sem a indicação de que são frágeis), o que superdimensiona suas possibilidades e a torna ineficaz.

²⁰ Ánton Semiónovich Makarenko (1888-1969), pedagogo soviético. Destacou-se pelos conceitos de coletividade e trabalho. (SEBARROJA, p. 97, 2003)

Por esse motivo, quando o trabalho na Escola é feito de forma compartilhada , onde o todo dá o “tom”, ela pode demarcar de forma justa qual o seu papel, qual o papel das outras instituições e, sem culpas, redimensionar suas possibilidades, permitindo-se, assim, apostar em ações, não necessariamente de impacto devastador, mas que sejam transformadoras de um modelo engarrafado, pronto e sem identidade.



FIM

**E CHEGARÁ UM TEMPO EM QUE
OS MILITARES INVENTARÃO
UM PROJÉTIL TÃO PERFEITO,**



**MAS TÃO PERFEITO MESMO,
QUE DARÁ VOLTA AO MUNDO E
OS PEGARÁ POR TRÁS.**

MÁRIO QUINTANA

5.1. AÇÕES-CUPIM

“O conhecimento é uma experiência prazerosa. Não somente isso: é um prazer engravidar as idéias.”

Rubem Alves

Uma Escola mais interessante: significar o que parece sem significado.

Freire dizia: “ (...) não há revolução com verbalismo (...) ” (2004, p.122).

Admitindo-se o ocaso de muitas idéias (da possibilidade de uma escola livre, autônoma e alegre) tidas como utópicas, e que por causa disso ficaram no campo do verbalismo, ou por não ter ocorrido o exercício de “reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas” (FREIRE, 2004, p.122), hoje algumas “*ações-cupim*” corroem a estrutura da escola (instituição) com projetos que vislumbram outras maneiras de fazer educação, fundamentados, em muitos casos, ‘naquelas’ utopias, pois mantêm a base de resistência e de contestação.

Mesmo que, em algum momento, as ações que a Escola promove possam ser comparadas ao projétil perfeito ao qual Quintana se refere em seu poema “Fim”, a escolha dos “cupins” para a metáfora das ações que corroem a estrutura sórdida da Escola se deu em função de que:

- os cupins só corroem estruturas que não estão sendo cuidadas por aqueles que querem preservá-las. Resta, então, àqueles que não querem ter trabalho e compromisso com a educação e que pensam que o *formato* da escola não pode ser mudado, adentrarem menos sutilmente esse espaço escolar para não oportunizarem transformações, pois estamos descobrindo como corroer idéias que reforçam e reproduzem as diferenças sociais;

- os cupins são uma praga : para a escola tradicional, centrada nas mais variadas formas de disciplinação, as ações que a Bibi realiza são uma verdadeira “praga”, porque mostram que os conflitos existirão sempre e que é a Escola que precisa ir em busca das soluções, sem mascará-los, tendo o cuidado de chamar à responsabilidade quem deve tê-la;
- quando os cupins percebem que estão sendo atacados pelos mais diversos riscos, sobem suas casas: da mesma forma a Escola sempre que vê ameaçados seus projetos, estuda mais para fundamentá-los, cria diferentes alternativas de satisfação à comunidade e cresce livrando-se das ameaças.

Com a introdução de diferentes materiais didáticos, fazendo do professor um organizador do espaço para as descobertas, ao invés de ser o centro do processo, inicia-se a subversão da relação professor/estudante. Qualifica-se o estudante, aceitando-o não mais como um ser “sem luz”, mas como ser humano pensante, rico em sua cultura, propondo-se torná-lo um *estudante-cidadão*, um *ser-cidadão*, quando, em seu conteúdo, o professor e o ambiente mostram-se como estimuladores que suscitam o interesse, a participação e o desenvolvimento da autonomia.

Citando Montessori (in ESTRELA, 1994, p.19), que vai dizer que “a disciplina não é pois um fim mas um caminho”, entendo a disciplina escolar como respeito pelas leis, trabalho e liberdade, respeito sentido pelo sabor das alegrias e por conquistas sucessivas. Reflito, então, nas respostas dos estudantes quando apresentam como pontos que mais gostam na Escola, pela ordem, **o interesse dos professores, o diálogo, a tranquilidade e o compromisso com ensinar**, alguns explicitados no depoimento de E3 : “Eu gosto muito da Escola, os professores são legais, gosto muito dos passeios programados, principalmente dos projetos e das pessoas que procuram nos ajudar se temos algum problema.”

Se escutar as vozes que por lá ressoam a escola pode tornar-se um espaço de “gentes” que entram e que ficam, fundamentando o seu trabalho na relação de respeito pelas crianças, olhando-as como seres vivos e criadores e fazendo dos professores, funcionários e pais seres ativos, com sua afetividade e sua condição de ‘ocupante’ de uma posição.

Longe de serem gentis sonhadores, as pessoas que trabalham na Bibi apostam em projetos que favorecem a expressão de todos os estudantes, introduzindo no currículo, o *respeito* como matéria obrigatória. São pessoas que promovem uma cultura da paz, não a paz que se festeja ao longe quando cessam as guerras bélicas, mas a paz que começa na sala de aula, com o *olhar* meus parceiros de trabalho escolar, sejam eles estudantes, professores, funcionários e/ou comunidade, como alguém que nas suas diferenças é um igual, um companheiro nas tarefas diárias, buscando a solução das questões que por lá aparecem com cooperação, conversa e bom humor.

Penso que, nesta Escola, através de outros mecanismos menos autoritários, como a aposta no grupo, na parceria e na importância das relações que a permeiam e a adentram, onde há o exercício da escola que se pensa, que estuda e (re)age, possam aparecer caminhos para, num trabalho de grupo, levar à comunidade o sentido do que é fazer educação, onde os professores “ (...) precisam exercer sua autoridade nos domínios: intelectual, ético, profissional e humano (...) O que tem que ser exigente são as aulas e não, separadamente, as normas ou as avaliações!”(VASCONCELOS, 1994, p.45/46) pensamento este reforçado por P1, quando diz “Nem sempre o aluno está desinteressado por problemas dele, as vezes minhas aulas podem não estar agradando (...)”.

Refliro a partir de algumas observações já feitas e da idéia de que algumas “ações-cupim” aparecem em situações como:

- entrevistas com os pais dos estudantes da pré-escola em suas casas, como forma de aproximação e engajamento da família no processo pedagógico desde o primeiro ano das crianças na escola e de visualização de sua realidade. Esta ação encontra eco nas idéias de A. Makarenko, pensadas por Ghiggi (1992, p.28), ao fazer referência à importância do trabalho e das decisões coletivas: “O estabelecimento de objetivos comuns era o primeiro passo para a organização do coletivo escolar”;
- avaliação através de relatórios onde se possa ler o estudante ao invés de quantificá-lo (o estudante faz sua leitura e recebe a leitura do conjunto escolar). Importante salientar que os recursos avaliativos, através de provas e exames, podem ser entendidos como formas de disciplinação, visto que supõem uma obrigatoriedade, um mecanismo de adestramento, onde todos têm que saber a mesma coisa, da mesma forma, onde o que vale é a nota, medindo e comparando indivíduos. A avaliação, nesse formato, associada às recompensas e às punições, é o elemento que define os bons e os ruins, que hierarquiza e penaliza os estudantes nos tribunais escolares, muitas vezes representados pelos conselhos de classe onde se reforça a exclusão, a censura e a (re)produção de uma sociedade que é contestada, mas que se mantém por meios muitas vezes desconhecidos pela sua aparente inocência e máscara, patrocinadas por todos aqueles que participam o cotidiano escolar;

- oportunidade de contato com a arte e a cultura, por meio de passeios, viagens, dança, música, cinema (filme) e teatro;
- interesse pelo estudante quando está faltando à escola, com vontade explícita de que ele(a) retorne; chamar a família para que possa opinar e brincar;
- entendimento das crianças como crianças, dos adolescentes como adolescentes e dos adultos como adultos, falando e ouvindo sempre, num exercício de diálogo, numa disponibilidade tão bem dita por Paulo Freire (2002, p.152) :“É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas”;
- desenvolvimento de um espaço de estudo e reflexão constantes para professores, através de reuniões e grupos de estudos;
- proposição de um currículo qualificado no que tange a oferta de disciplinas interessantes e que evidenciem a preocupação que a escola tem para com a formação de seus estudantes, principalmente na sua inserção crítica e autônoma nas discussões sociais.

Sendo essa Escola espaço de possibilidades e conflitos, certamente aparece como espaço de limitações, pois compõem-se das mais diversas situações-limite. Preocupei-me em elencar as que julgo serem mais importantes na compreensão e legitimidade do meu trabalho, embora não seja tarefa fácil admiti-las ou reconhecê-las.

Dentre as grandes dificuldades que percebo na Escola estão: as falhas na formação acadêmica dos profissionais, que aparecem, principalmente na deficiência de conhecimento de autores que escrevem sobre educação, ficando

limitados às suas matérias; a chegada de novos professores/estudantes/funcionárias, pois tem que haver uma adaptação que muitas vezes é penosa, em face de muitos anos de trabalho mecânico que de repente vira trabalho intelectual; o trabalhar sem ter reconhecimento por parte do poder público e dos colegas de outras escolas.

Além dessas limitações, o que mais nos causa impacto é dar-mo-nos conta de que nem todos os problemas poderão ser resolvidos pela Escola, que não somos “todo-poderosos”, que existem situações que podemos compreender, mas não resolver só ali na Escola unicamente: fazemos parte de uma estrutura macro e talvez, com esperança e muito compromisso, possamos ajudar a melhorar, “transformando as pessoas para que elas transformem o mundo”.

Alguns podem pensar que essas limitações e esses conflitos pertencem a todas as escolas, e estão certos. Portanto, se estes nos igualam, a Bibi propõe que as possibilidades sejam pertencentes a todas também.

O entendimento de que é preciso encontrar na escola um espaço de ser, de sentir e de expressar-se, e que, portanto, aposta no processo de aprendizagem como algo ligado à auto-expressão em diferentes tipos de linguagens, onde o desabrochar a pessoa e o instruir-se passam a ser uma única e mesma finalidade, pode ser a saída para o confronto que existe entre a escola agradar uma sociedade que a pensa como produtora de trabalhadores dóceis e mecânicos e a idéia de que a escola deve ser o ambiente onde se favoreça o pensamento autônomo, a consciência crítica e o prazer. Se pensarmos os sujeitos escolares como seres de desejos e de mudanças,

E, portanto, em sintonia com os anseios e práticas transformadoras necessárias para a sociedade igualitária e tendo levado os educandos a consciência da felicidade de todos. A disciplina decorrerá da necessidade sentida pelos envolvidos e não mais será concebida como instrumento de coerção ou cerceamento da liberdade. (GHIGGI, p. , 1993)

Enfim, pensando na idéia de que os atos de violência que a escola sofre são reflexos da violência que a própria escola (re)produz, construí este trabalho que buscou nutrientes na metáfora de que se a escola produzir em seu “pátio” relações de respeito, afetividade, parceria, gentileza, receberá da “calçada” que a circunda o mesmo cuidado.

Sem deixar de ser pertencente à uma sociedade (re)produtora de violência, que é aqui representada pela “calçada”, essa Escola tem conseguido romper com a lógica- comodista-saudosista vigente, *“de que as coisas são assim mesmo”, “os alunos não são mais os mesmos” e “antes é que era bom”* para, então, partir para a ação, num confronto com os mais diversos tipos de violência, que ganha reflexão em cada descompasso e em cada nota afinada.



Eu vejo que aprendi o quanto te ensinei...
Não basta o compromisso,
vale mais o coração.

Trecho da música : 1º de julho - Renato Russo

VI. NOSSA! QUE CATEGORIA(S)!!!

“Uma das coisas mais maravilhosas, para mim, na função do pesquisador é sua ‘arbitrariedade’. Ele escolhe desde o início. Ele tem de escolher (...) É algo da ordem da responsabilidade ética de se ser um pesquisador/estudioso (...) estabelecemos uma relação de pertencimento a uma cultura (...) E isso não é pouca ‘porcaria’.”
Sandra Mara Corazza

Temas que surgiram na análise de dados da pesquisa

Presentes nas falas dos partícipes da pesquisa, grandes temas que fazem a identidade da Escola foram surgindo; alguns deles faziam hipoteticamente meu pensamento quando da formulação do projeto de pesquisa. Portanto, levam-me a ver uma escola que tem em seu trabalho **o diálogo, o compromisso com a produção de conhecimento, a parceria, o prazer, a consciência da importância de cada um dentro do processo e sua capacidade de mudança, forjados no olhar para o todo que a compõe, estabelecidos e definidos em um P.P.P.** mais importante que as individualidades que são os pilares de sustentação desse “Sistema Relacional” existente dentro da Escola.

As obras da Arte Barroca devem ser olhadas como um espiral pela dinâmica e emoção que devem emitir. Assim vejo a Escola. Impossível olhá-la sob um único aspecto, um único viés, quando estamos tratando das relações que lá acontecem.

Essa mobilidade entre os elementos promove um sistema que leva estudantes, professores e funcionários a terem falas tão alicerçadas nos mesmos sentimentos e nas mesmas ações, as quais exemplifico com as seguintes opiniões:

“ (...) temos compromisso com a educação, aqui se faz tudo com prazer e carinho (...) o ser humano é capaz de chegar a grandes objetivos.” P3

“Gerações futuras ouvirão muito a respeito da minha Escola...só para começar ouvirão que quem passou por ela, jamais foi o mesmo!” F4

“ (...) é uma Escola gostosa de aprender, os alunos são amigos e o entrosamento é ótimo.” E5

Percebo a necessidade de aprofundar minha fala sobre temas que tão grandemente apareceram durante a pesquisa, desenvolvendo-os através de autores com os quais compartilho minhas horas de estudo, num exercício de esclarecimento.

Em minha análise das falas dos entrevistados e das observações feitas, elenquei cinco categorias para desenvolver. Penso que quatro delas têm a mesma intensidade, como fomento na construção de soluções para a questão da indisciplina, tendo como plataforma a quinta, que trabalha como ponto de convergência e partida de todas, onde o todo aparece como o mais importante. A partir de agora procurarei torná-las mais compreensíveis no universo da Escola pesquisada.

FALA CONVERSA DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA
 COLÓQUIO LERO FALA CONVERSA DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA
 BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO FALA CONVERSA DIÁLOGO BATE-
 PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO FALA
 CONVERSA PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO FALA
 CONVERSA DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA
 COLÓQUIO LERO FALA CONVERSA DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA
 BLA BLA CHARLA * **Receita de acordar palavras** FALA COLÓQUIO
 LERO FALA CONVERSA
 DIÁLOGO BATE- PALAVRAS SÃO COMO ESTRELAS
 BLA BLA BLA facas ou flores
 COLÓQUIO LERO elas têm raízes pétalas espinhos
 FALA CONVERSA são lisas ásperas leves ou densas
 PAPO TRELA para acordá-las basta um sopro
 PAPO CHARLA em sua alma
 LERO BLA FALA e como pássaros
 DIÁLOGO BATE- vão encontrar seu caminho
 BLA BLA BLA Roseana Murray
 COLÓQUIO LERO FALA FALA
 CONVERSA DIÁLOGO BATE-
 PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO FALA CONVERSA
 DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO
 FALA CONVERSA DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA
 COLÓQUIO LERO FALA CONVERSA DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA
 BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA
 BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO FALA CONVERSA DIÁLOGO BATE-
 PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO FALA CONVERSA
 DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA BLA BLA CHARLA COLÓQUIO LERO
 FALA CONVERSA DIÁLOGO BATE-PAPO TRELA BLA BLA BLA
 CHARLA COLÓQUIO LERO BATE-PAPO TRELA BLA BLA BLA LERO LERO

6.1. RECEITA DE ACORDAR AS PALAVRAS

*A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada,
a capacidade de exercer o direito de
discordar, de me opor, de me posicionar.
Pelo contrário, é escutando bem que posso
melhor me situar do ponto de vista das idéias.
Paulo Freire*

Diálogo

É interessante perceber na fala dos partícipes da pesquisa a presença constante da afirmação de que a Bibi é um espaço onde se mantém o diálogo, onde as palavras são acordadas com “um sopro em sua alma e como pássaros vão encontrar seu caminho” na busca de soluções para resolução de conflitos.

Estudantes, professores e funcionárias colocam a conversa como uma forma utilizada pela escola não só para resolver problemas, como também para desvendá-los, tornando-os visíveis para que possam ser analisados e encaminhados no sentido de apresentar caminhos que não sejam os predeterminados pela equipe diretiva ou pelas regras que a escola tem, ou só por esses, mas através do diálogo, onde os problemas sejam desveladores de possibilidades.

Para que seja mantido esse espaço de diálogo é necessário que se faça a correspondência de que para que ele aconteça é fundamental que, além de falarmos, possamos ouvir. Esse ouvir é a garantia do não-monólogo e do respeito que a escola tem que ter com a *fala* do outro, apresentada em todas as dimensões que representa, pois “palavras são como estrelas, facas ou flores”.

Quando observei e entrevistei alunos mais jovens, percebi que para alguns falar ainda não é uma ação totalmente desprovida de espontaneidade pois, como bem invoca Freire, in Ghiggi (2002, p.56), “ na infância, as bases do diálogo desenvolvem-se com maior espontaneidade, na ação e na linguagem (...)”. Obviamente que já não aparece tão intensamente a despreocupação como em crianças menores, mas, ainda assim, falas e atitudes demonstram que o que querem dizer é mais importante do que as possíveis conseqüências disso para si, como falou E6, quando respondia à questão sobre se havia brigas na Escola: “Brigas em toda escola tem, aqui também...”, ou nas respostas de estudantes que apresentam como tema de suas conversas fora da escola, entre outros, as coisas que eles não gostam nela. Mais importante torna-se nesse momento a afirmação de P20, quando perguntada se pensava ser um problema na escola, ao que ela respondeu sem dúvidas : “Converso e implico com todo mundo, mas não sou problema, isso faz parte.”

Nas entrevistas e observações, principalmente nas reuniões de Conselho de Classe, percebi como os professores discutem acirradamente suas diferenças de opinião sobre os mais diversos assuntos, situações e estudantes. Não há preocupação com que a interpretação de quem ouve seja de que as críticas ou opiniões sejam pessoais, pois há uma grande preocupação com o grupo e as individualidades, apesar de constituírem o todo, têm um papel de agrupadoras e não de divisoras.

A fala de P5 que nos diz : “ (...) não fizemos nada sozinhos e nem sem o apoio e a ajuda de todos (...) ”, bem como a de P4 quando aponta que: “ (...) nas reuniões com os pais é muito bom quando conversamos sobre as particularidades de cada disciplina, mas também quando juntos respondemos as perguntas e anseios dos pais”, são duas opiniões sobre momentos em que aparecem nitidamente, a necessidade de falar e de ouvir; estabelecem momentos de grande procura pelo diálogo como um dos caminhos que a Escola encontrou

para superar a condição de que a escola pública não é capaz de vencer as dificuldades impostas no seu dia-a-dia.

Muito importante reconhecer em P3, quando diz que : “ (...) muitas vezes devemos procurar pessoas com mais conhecimento para ajudar no nosso trabalho”, o que tão habilmente Freire fala em Pedagogia da Autonomia, que é o sentimento de segurança que temos que ter para não nos envergonharmos de desconhecer algo, de estarmos disponíveis à curiosidade que a vida nos proporciona, que nos encaminha diretamente para reconhecer no outro nossa própria inquietude e assim nos conduz ao diálogo, permanente conquista daqueles com os quais travo minhas relações e deles com relação a mim.

Surge, então, de forma vigorosa esta categoria entre as funcionárias com as quais dialoguei durante a pesquisa através de entrevistas e observações. Por que, podem me perguntar, parece que coloco essa frase com certa surpresa? Porque por muito tempo assisti (tempo esse em que atuei na Escola na mesma função que exerço hoje), as funcionárias entregarem suas idéias para que os outros assumissem, por medo, por omissão. O que registro nesse tempo, é que causa grande impacto ouvi-las e testemunhar sua opinião acerca de a Escola ter o dever de ouvir os estudantes e que esses são assuntos agradáveis nas suas conversas de lazer, como pensa F3 : “ (...) é preciso conversar com os alunos sobre a importância da água e que ela não pode ser desperdiçada (...) é o lugar que eu me sinto bem, onde encontro pessoas que eu gosto.”

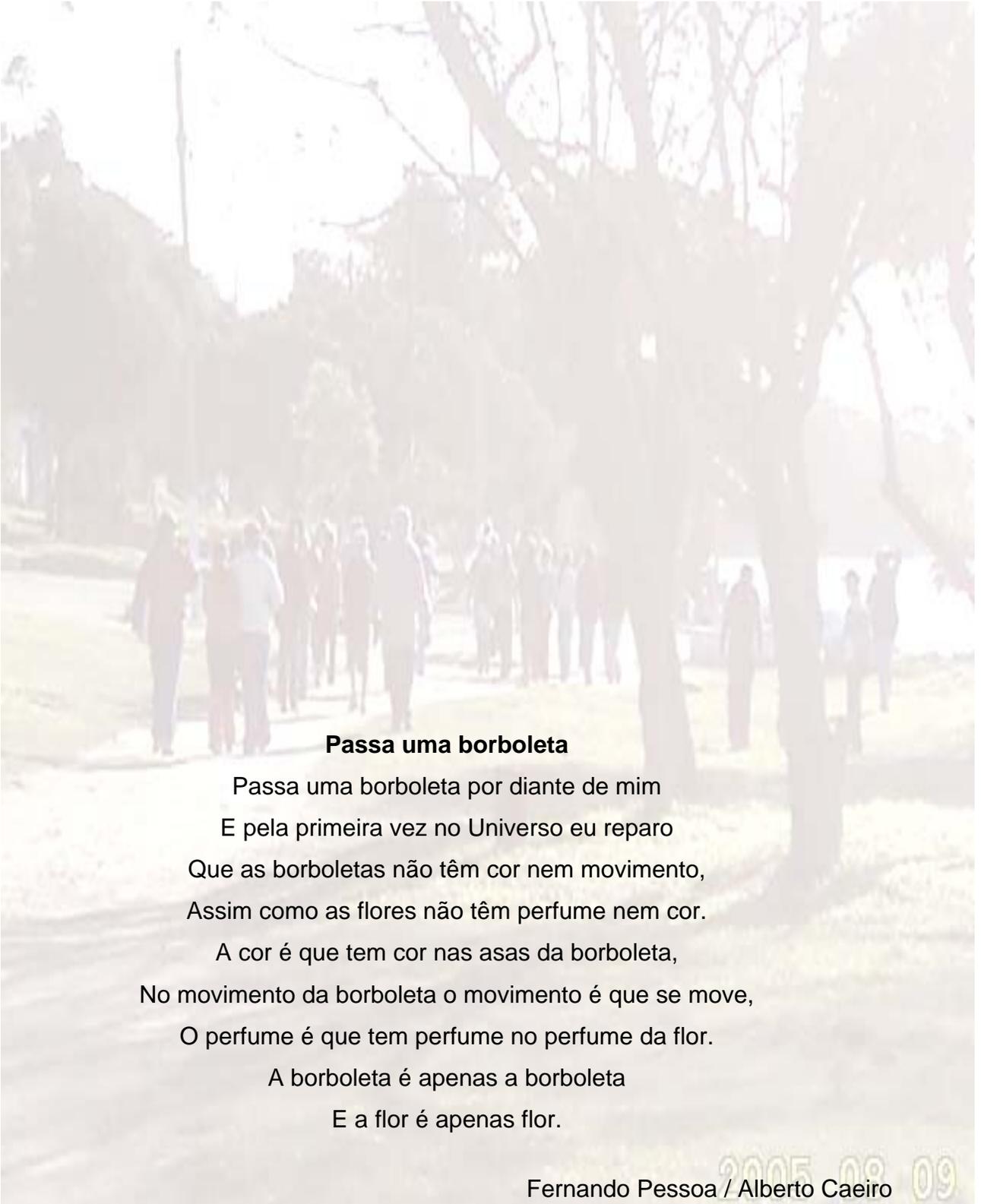
Saliento, pois penso ser de suma importância para a legitimidade das falas das funcionárias, bem como de estudantes e professores, que foram feitas de forma voluntária, pois se assim não fosse poderiam, ao sentirem-se pressionadas, falar por falar; isso, segundo Shor, criaria “ (...) uma falsa democracia, um momento de discussão falso”, ao que Freire completa dizendo que “ (...) no diálogo, tem-se o direito de permanecer em silêncio! No entanto, não se tem o direito de usar mal sua participação (...) ”. (2003, p.127)

PI no Laranjal: Preservação da natureza



Quem disse que a gente
precisa ficar sentado
para aprender?





Passa uma borboleta

Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas a borboleta
E a flor é apenas flor.

6.2. PASSA UMA BORBOLETA

“A prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento, ou seja, de como se dá o processo de conhecer.”

Paulo Freire

Produção de Conhecimento

Chama atenção o quanto a Escola é vista, por funcionárias, alunos e professores, como responsável por novos conhecimentos e o quanto uma atitude profissional, preocupada com a aprendizagem por parte de todos, estimula os estudantes nas suas tarefas diárias.

O esforço e o interesse dos professores em fazer com que os estudantes estudem, freqüentem às aulas e realizem os trabalhos propostos são ressaltados pelos primeiros como uma das situações que mais lhes agrada na escola, como podemos perceber na fala de P25: “ (...) qualquer aluno, até o pior, aqui passa a gostar de estudar (...) Os professores se interessam pelos alunos e isso é muito importante”. Isso é também sentido, de maneira explícita, na afirmação de Vasconcelos (2004, p.85), quando diz que “A verdadeira relação educativa não se faz sem um vínculo de confiança recíproco: o educando confiando na competência do professor e o professor confiando na capacidade de aprender do educando.”

Na Bibi acontecem reuniões pedagógicas todas as segundas feiras, obrigatórias aos professores e facultativas às funcionárias, pois existe uma inadequação das horas de trabalho de funcionárias às necessidades pedagógicas das escolas.

Relato, com prazer, que existe um movimento na Escola, liderado por alguns professores, que está propondo a passagem dessas reuniões para os sábados pela manhã (dois sábados por mês). Alegam que com relação à carga horária²¹ não haveria alteração; que, com exceção de uma professora, todos os outros poderiam comparecer (o que hoje não ocorre, pois alguns estão em outras escolas); e que as funcionárias poderiam, como os professores, ter seus horários reduzidos durante a semana para participar das reuniões, tornando, portanto, as discussões e decisões mais compartilhadas e muito mais qualificadas. Esse tema estará em discussão ainda este ano de 2005.

Essas reuniões objetivam levar o grupo de professores a discussões para qualificação e reconhecimento de seu papel, o que é cobrado constantemente da equipe diretiva, quando o rendimento deixa a desejar em termos de discussão e de resultados para melhoria da prática educativa. Penso ser esse um dos momentos em que percebi uma grande preocupação, por parte dos professores e da equipe diretiva, com a importância e a relevância dos assuntos com os quais estão trabalhando e, também, com o como esses assuntos estão sendo apresentados para os estudantes.

Esse momento, aliado a outros, como reuniões gerais mensais, recreio, reuniões do projeto integrado, conselhos de classe, festividades, etc., fazem parte de uma rede de pensares e ações que os profissionais que trabalham na Escola criaram quase instintivamente, na busca de soluções para problemas que surgem todos os dias na Escola, discutindo questões e conceitos de indisciplina, autoritarismo, autoridade, liberdade, não deixando portanto, que discursos prontos e viciados de que os “alunos não são mais os mesmos, que não têm respeito, que não têm limites e que, portanto, fica difícil *controlar* as turmas”, adentrem e sirvam de resposta fácil.

²¹ Essas horas são remuneradas para professores e seriam compensadas por funcionárias, visto que não há no Regime Jurídico dos Funcionários previsão de participação remunerada em reuniões pedagógicas.

Ora, creio mesmo que não só fica difícil, como fica impossível, *controlar* quem quer que seja sem autoridade. E autoridade se constrói com respeito, com comprometimento e com competência e nisso me fundamento em Freire (2002, p.103), quando afirma que “ (...) a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.”

Entendo, então, que a Escola, ao pensar a construção de saberes como “ toda atividade por meio da qual professores e alunos se lançam a fazer perguntas e buscam, juntos, as respostas, saindo da transferência de conhecimentos conhecidos para uma procura ativa e recíproca de conhecimentos a conhecer, representando uma vivência de criação de saberes”(BRANDÃO, 2003, p. 166), rompe com a *lógica-burra-vigente*, de que deve-se desconsiderar o conhecimento do aluno, partir do “zero”, para então ensinar/aprender.

Essa qualidade, de que a Escola é lugar de conhecimento, é também uma atribuição que as funcionárias apontam, pois ao fazerem um exercício de introspecção e subjetivamente imaginarem o que no futuro as pessoas ouviriam se as paredes pudessem lhes dizer algo, afirmaram, como relatou F2 “ (...) irão ouvir os anos de experiência e conhecimentos colocados em prática (...) ”.

Então, todos esses atos de conhecimento acontecem em um diálogo que se dá cotidianamente, mesmo no silêncio que recai sobre a Escola, quando ao sentar-me no pátio deserto ouço as vozes que teimam em afirmar na fala de P4 que “ (...) os profissionais da educação (professores e funcionários) precisam cada vez mais atualizar-se, aperfeiçoar-se, serem mais humanos e terem consciência que trabalham com pessoas que têm opinião, vontade, sentimento (...) ”.

Leio Fernando Pessoa e me permito aliá-lo à produção do conhecimento na Bibi: quando percebo que a Escola apresenta um grande envolvimento e disposição em refletir sobre o que é trabalhado com os estudantes, e que essa percepção da importância dos conteúdos perpassa os desejos dos alunos e as observações e vivências de todos os partícipes do processo de aprendizagem, reflito sobre a afirmativa poética de que o movimento e a cor só existem porque acontecem nas asas da borboleta e refaço minhas próprias aprendizagens.

Se o “perfume só é perfume no perfume da flor”, a produção de conhecimento ocorre de fato no conhecimento dos estudantes, nas suas necessidades e nos seus sonhos, na produção de conhecimento de quem, a princípio, está lá somente para ensinar e para trabalhar nos serviços gerais mas, que ao observar “as borboletas/estudantes” repara que o conhecimento só existe se for realizado por elas.

Poema Egalitário

Só quem pode dizer sem briga

Que tem o rei na barriga

É a rainha-mãe, gestante (e ainda pode ser guria ou derrubarem a monarquia!)

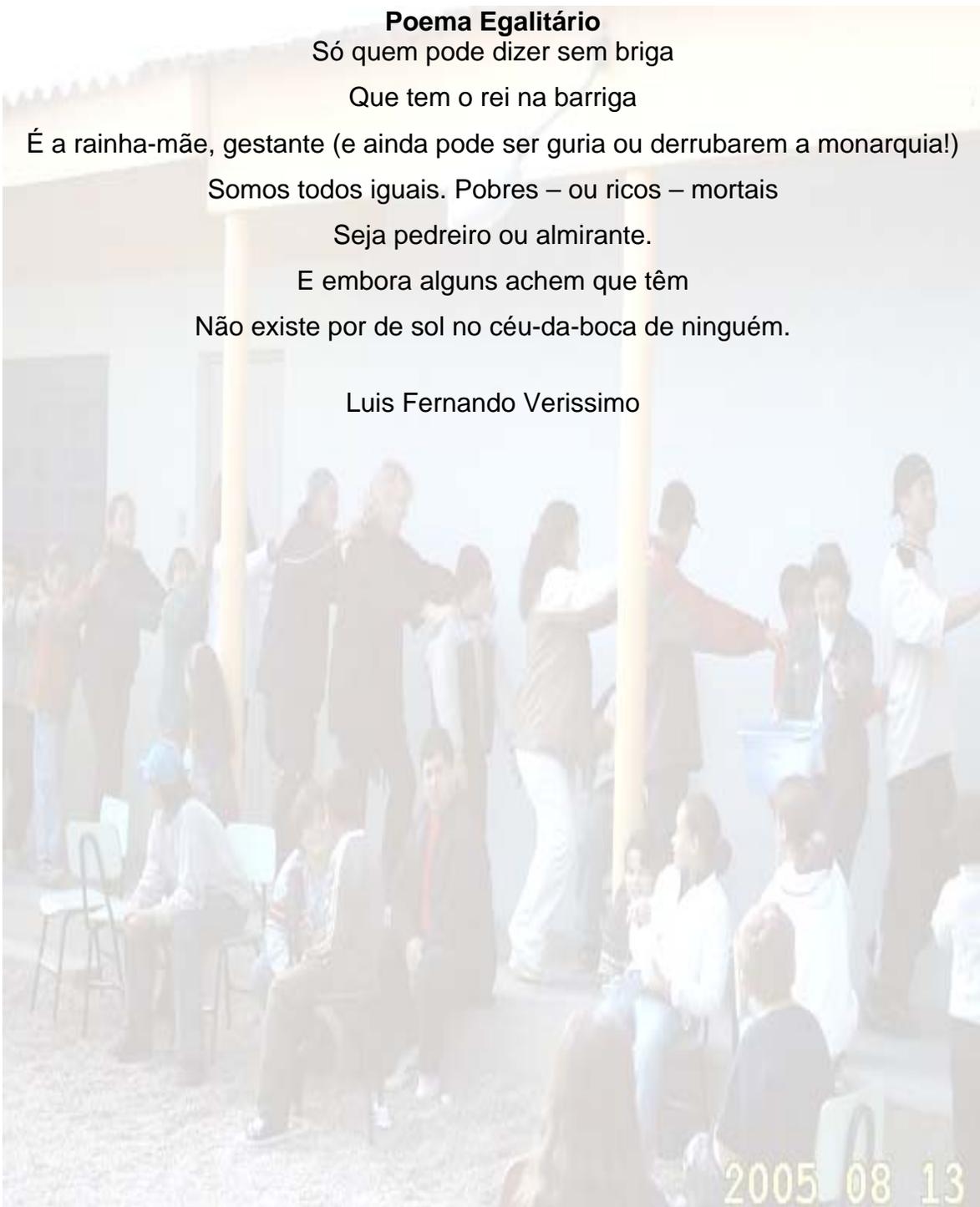
Somos todos iguais. Pobres – ou ricos – mortais

Seja pedreiro ou almirante.

E embora alguns achem que têm

Não existe por de sol no céu-da-boca de ninguém.

Luis Fernando Verissimo





REUNIÃO COM A PROFª ANA RUTH



PRÉ-VESTIBULAR



PESSOAL DO N.E.A.

2005 08 13

6.3. POEMA EGALITÁRIO

*“ Há necessidade de se superar a postura individualista (...),
em direção a uma ética do social, do coletivo.
Fazer o aprendizado da solidariedade:
ceder o seu espaço para o outro, por estar com
necessidade mais básica que a sua.”*

Celso Vasconcelos

Parceria

Começo este parágrafo com E17, quando diz que “ (...) os alunos são conscientes (...) se acontece alguma coisa, os professores, a diretora, os alunos conversam e chegam a uma conclusão.”, pois me sugere falar um pouco sobre algumas questões que levantei ao longo deste texto e que, já não era sem tempo, devo retomar para tentar encaminhá-las de acordo com o pensamento dessas “gentes” da Bibi.

6.3.1. Como é a relação da escola com o Conselho Tutelar?

O Conselho Tutelar é um órgão que tem atendido às exigências e necessidades da Escola com a mesma determinação com que a Escola atende a suas exigências e necessidades, quanto à aplicabilidade do E.C.A.(Estatuto da Criança e do Adolescente), no que tange à abertura de vagas e encaminhamento de estudantes afastados e/ou em situação de risco.

Quando sentimos que esgotamos nossas possibilidades com alguma família que está negligenciando o atendimento a seu(s) filho(s), seja na frequência às aulas, seja no atendimento às suas necessidades básicas, fazemos o encaminhamento, pois a Escola possui limitações na sua atuação e deve, também, respeitar o papel de outros setores, sob pena de, na ansiedade de ser a “grande salvadora”, frustrar-se e, então, desacreditar que algo possa ser feito para que os estudantes sejam melhor atendidos.

Luis Fernando Veríssimo, ao afirmar que somos todos iguais, em seu Poema Igualitário, aponta o caminho para compreensão de que o Conselho Tutelar tem, também, suas limitações. A solução foi conhecer o E.C.A. e o papel da entidade que deve ser nossa parceira na tentativa de resolução de alguns problemas, para poder entender e cobrar aquilo que é seu dever.

As máscaras e proteções que marcam nossos olhares fazem, muitas vezes, com que tenhamos mais uma *flexão* (no sentido de dobrar-se diante de uma situação imutável e/ou inevitável) com relação às nossas ações e os fatos que envolvem nossos estudantes e aparecem no cotidiano escolar.

Flexionamos nossos olhares para gostar ou não gostar do que estamos fazendo e do que os outros estão ou não fazendo (o que poderá nos levar a desistir ou persistir) , mas antes de nos dobrarmos a aparentes evidências é preciso que façamos uma reflexão crítica do nosso papel e da nossa ação social, buscando constantemente uma reação a favor daqueles que dependem dessa parceria para viver melhor.

6.3.2. E o Livro de Ocorrências, existe?

“Embora alguns achem que têm o rei na barriga” e, portanto tomem para si o direito de julgar os outros, na Bibi houve o entendimento de que se com o diálogo - “tensão permanente entre a autoridade e a liberdade.”, pela qual a “ (...)

autoridade permite que surjam as liberdades dos alunos, as quais crescem e amadurecem, precisamente porque a autoridade e a liberdade aprendem a autodisciplina.” Freire(2003, p.127), a forma de repressão corporificada no Livro de Ocorrências perdeu a função.

O Livro de Ocorrências existe, mas não é usado há mais de quatro anos, pois a disciplina é vista não como sinônimo de autoritarismo e de rigidez, não como algo que impeça o avanço ou como dominação, mas como algo que se constrói a partir da liberdade, da criatividade e da certeza da importância do outro: só mesmo *“a rainha mãe pode dizer, sem briga, que tem o rei na barriga”*.

Os estudantes, por compreenderem seu papel e o da Escola nas suas vidas, passaram a não temer mais esses meios *disciplinatórios* ultrapassados. É o mesmo que mandá-los para a secretaria e/ou direção, sem que seja entendido por todos (professor que os conduz, estudantes e direção) qual ou quais motivos contribuíram para que ele tenha que sair da aula para conversar com mais alguém, que não estava na sala de aula, sobre um comportamento que ocorreu ali.

As atitudes rígidas, inflexíveis de professores e direções de escola, não têm consistência e, cada vez mais, são desafiadas por estudantes, pois como alguns professores milagrosamente já descobriram *“os alunos não são mais os mesmos”*, mas os métodos de intimidação e humilhação querem se manter, para dar referendo a *“verdades”* que não querem ser discutidas, dificultando ainda mais *“controlar esse jovens (...)”*. O que nós professores não podemos esquecer é que até a rainha-mãe gestante deve ter cuidado, pois *“pode ser guria ou derrubarem a monarquia”* - o que lhe tira o rei da barriga.

6.3.3. Mas, então, as regras, existem ? E quem as formula ?

As regras existem e são elaboradas e revistas a cada ano, por uma constante necessidade de adequação a novos desejos que invadem a Escola e para que sejam revigorados os desejos já explicitados. Estudantes, professores, funcionárias e equipe diretiva são os responsáveis pela formulação e reformulação dessas regras, que devem atendê-los dando garantia a seus direitos e condições para que sejam cumpridos os seus deveres, pois “as normas de disciplina que reinarão na escola dependem do modelo de escola que queremos estimular.” (MASSAGUER, 2002, p.65)

Essa constituição escolar tem sua função principal centrada na compreensão do papel de cada um dentro da Escola, fazendo com que o autoritarismo não se justifique, pois a fala do autoritário de que “é preciso pôr ordem onde há desordem” não pode ser permitida por aqueles que acreditam que educação se faz com liberdade.

O prazer do autoritário é confirmar que suas “suspeitas” estão corretas. Portanto não podemos dar, a quem pensa que educar com liberdade é ser permissivo, o direito de julgar nossa flexibilidade como um ato “quase” ilegal.

Para afirmação de uma prática de vida e de vida escolar humana e libertadora é preciso que seja entendida a intencionalidade de tais falas, pois a elas estão atrelados conceitos importados, como mostra o exemplo de Beccaria (in FOUCAULT, 2002, p. 81)), que diz: “Se deixarmos ver aos homens que o crime pode ser perdoado e que o castigo não é sua continuação necessária, nutrimos neles a esperança da impunidade (...) que as leis sejam inexoráveis e os executores inflexíveis.”

Por negar-se a compactuar com as *verdades* perpetuadas através dos tempos, reforçadas nas afirmações de que ter direito é algo permitido somente aos que têm poder, e que esse poder é um “bem” que pertence a alguns, a Escola, ao invés de perguntar por que existem regras e por que foram elaboradas por alguns, propõe a discussão dos processos de sujeição e como foram constituídos ao longo do tempo, para então formular, através do diálogo, do compromisso com o conhecimento e com sua construção coletiva, as regras de convivência, que determinarão a forma de poder que está instalada.

Percebo que por não haver preocupação por parte dos autoritários em compreenderem os mecanismos do poder, perdem seu espaço, pois ao pensarem-se como detentores das “verdades”, acomodam-se, e por não entenderem que “o poder deve ser analisado como algo que circula (...) funciona e se exerce em rede (...)”(FOUCAULT, 2004p.183), acabam deixando brechas para que os “iguais, pobres ou ricos, mortais” instalem suas ações-cupim.

Sendo “o indivíduo um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, seu centro de transmissão”(FOUCAULT, 2004, p.184), é inevitável que se constitua, diante desse “poder de fazer e refazer, de criar e recriar (...) direito que nasce com todos os homens.”(Freire, 1980, p.83), uma forma mais responsável da convivência na Escola, como aponta E15, quando indagado se atos de vandalismo acontecem : “Os alunos sabem dos sistemas da Escola e vêem que é diferente (...)”. Para os seres diferentes que convivem nesse ambiente, torna-se necessário excluir a idéia de que comportamentos convencionais devem ser “enquadrados” em regras iguais e inflexíveis.

Além dessas questões , que mostram os encaminhamentos na construção das formas de autoridade que a Escola desempenha na vida de todos, que não se constituem em núcleos de autoridade com uma hierarquia pré-determinada, mas que ocupam os espaços com a intimidade típica de alguém que

conhece o caminho que opta por caminhar, existem outras parcerias que são fundamentais para esse projeto de escola pública e popular.

Falas como de F2 : “ (...) é o lugar onde me sinto bem, onde encontro pessoas que gosto.”, de E13, que diz : “ (...) é uma escola gostosa de aprender, os alunos são amigos e o entrosamento é ótimo.”, bem como a discussão travada pelos professores durante a reunião de Conselho de Classe, quando, na produção dos pareceres descritivos, buscavam o que os alunos têm de melhor, nos mostram a parceria que existe entre aqueles que circulam e estão vinculados à instituição de forma, inclusive, burocrática. Mas essa forma de trabalhar, compartilhando espaço, discussões e sonhos se dá, também, com outros setores e pessoas da comunidade.

6.3.4. Quem mais faz parte desse cotidiano?

Nesse olhar para os parceiros, encontro com os vizinhos que cuidam e protegem a Escola, nos momentos em que percebem a sua vulnerabilidade diante de alguma situação como, por exemplo, quando alguém estranho à comunidade está circulando perto; na recepção aos alunos quando executam trabalhos que necessitam de pesquisa junto à comunidade; na entrega de bolas que teimosamente pulam o muro para seus pátios, bem como na participação em eventos (por exemplo, no O.P. – Orçamento Participativo, quando foram votados os projetos para a obra de ampliação da Escola e a construção de uma rótula de trânsito para melhoria no acesso dos estudantes à Escola, visto que muitos deles têm de atravessar uma avenida muito movimentada).

É mantido, também, um contato sistemático com a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel), pois estão sendo pesquisados por professores²² e estudantes dessa instituição vários pontos que

²² Anexo 01: Texto da Profª.Drª.Ana Ruth Miranda sobre a escolha da Escola para realizar sua pesquisa e alguns resultados.

são de interesse da academia e daqueles que buscam formação fundamentada no cotidiano escolar.

Além das pesquisas, está sendo executado um projeto, elaborado pela assistente social Lenara Stelmak, do Posto de Saúde próximo, que pertence à Universidade Federal de Pelotas, que oportuniza curso pré-vestibular noturno para pessoas da comunidade. Essa parceria se fez pelo contato freqüente que temos com a Lenara no atendimento aos estudantes e se concretizou graças a uma parceria entre o Posto, (pois o sonho e a busca pela sua efetivação, nos contatos com os parceiros e a seleção de voluntários para darem aulas, foi da Lenara); a UFPel (que atende com o material didático e vales transporte para os professores/voluntários) e a Bibi (com a disponibilização do espaço físico e de materiais que proporcionem aulas mais interessantes, como equipamentos de áudio e vídeo).

Não poderia deixar de mencionar, também, os parceiros mais importante da Escola que são os pais e/ou responsáveis pelos estudantes. Essa parceria é, sem dúvida, uma fórmula infalível contra certos males da instituição escolar, pois mesmo que em instâncias diferentes de relações e convivência, família e escola temos objetivos muito próximos, seja no campo das afetividades ou no das realizações, pois pensamos um mundo melhor para esses filhos/estudantes.

Os sonhos e frustrações de pais e professores são muitas vezes os mesmos (talvez por isso por muito tempo se falou em escola extensão do lar e professora segunda mãe); o que precisamos identificar, e esse é um grande exercício de sensibilidade, pois exige aproximações e afastamentos, é onde esses objetivos fazem seus cruzamentos para então, após reconhecê-los, encontrarmos as trilhas que poderão ser seguidas para atingi-los.

Essa relação dialógica com as famílias implica em algumas condições para as quais a Escola precisa estar consciente e preparada. É uma Escola com perfil de escola democrática, portanto deve estar aberta, tanto no sentido de oportunizar a entrada dos pais no seu espaço físico, quanto no de receber as críticas que advierem; e é muito importante que esteja preparada para respondê-las, não no sentido de defender-se, mas no sentido de tornar claro o seu papel nas diferentes situações que surgirem.

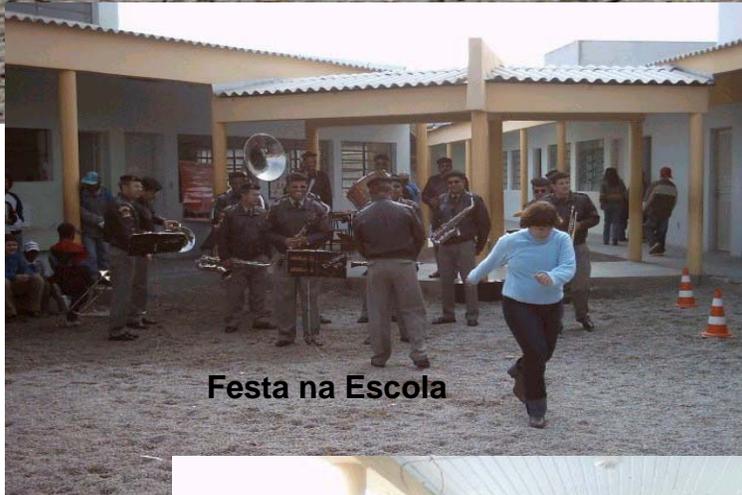
A Escola, ao fazer opções que fogem ao convencional, ao preestabelecido, precisa estar apta ao desafio. Por isso as mudanças na Bibi foram acontecendo de forma gradativa, baseadas na prática e nas necessidades do cotidiano, sem perder o apoio nas leituras/diálogos com autores e atores da Educação. Observação dos anseios, experiência, sonho e estudo foram e são os propulsores das transformações que são vividas nessa Escola. Como aponta Freire, (2004, p.184) : “ (...) relativa experiência que temos tido (...) foi capaz de nos desafiar a correr o risco das afirmações que fizemos.”

Assim, para que a Escola não seja considerada falsa em suas propostas e ações, como denuncia Bourdieu (1998, p.221)

(...) a instituição escolar tende a ser considerada cada vez mais, tanto pelas famílias quanto pelos próprios alunos, como um engodo, fonte de uma imensa decepção coletiva: essa espécie de terra prometida, semelhante ao horizonte, que recua na medida em que se avança em sua direção

torna-se imprescindível que esteja em constante revisão compartilhada dos aspectos que a tornam diferente no trato das questões que lhe pertencem. Sem procurar culpados, vítimas e vilões, num exercício de pesquisa e sensibilidade, num “sacudir a rotina” (DEMO, 2001, p.132), apropriando-nos dos “recados” que constantemente nos chegam, das formas mais explícitas ou mais sutis, através dos estudantes, de suas famílias e da comunidade, que nos contam em que proporção eles estão mudando, dotando-nos de dados para que mudemos a Escola.

Aula de PI na praia



Festa na Escola



2005 08 13

Acho tão natural que não se pense

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho
Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me cousas...
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente...
Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas cousas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixaria de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.
Fernando Pessoa / Alberto Caeiro

FUNCIONÁRIAS, PROFESSORAS E ESTUDANTES...



A DIVERSÃO É LIVRE...



BASTA APROVEITAR!!!



6.4. ACHO TÃO NATURAL QUE NÃO SE PENSE

*“ (...) muito mais jovens passam muito mais tempo na escola, (...)
Não se trata de um período breve no qual é possível
resignar-se com a ausência de alegria (...) ”*

Georges Snyders

Prazer

Muitos professores sentem arrepios quando ouvem que a escola deve significar prazer, pois não conseguem associá-lo à seriedade. Para eles, ser sério no que se faz é, necessariamente, ser sisudo, antipático e ter “cara de poucos amigos”, pois isso pode garantir de forma mais efetiva o controle sobre seus estudantes.

Esse comportamento é percebido constantemente nas minhas idas a escolas e nos relatos de experiências a que assisto com frequência, onde, por vezes, me vejo cercada por idéias que anulam os conflitos acreditando que são infrutíferos, que impedem a alegria porque ela gera desordem, que inibem a organização coletiva pois a hierarquia é necessária para manter cada um na sua sala, cada mesa no seu lugar, cada estudante/múmia no seu sarcófago.

Lá vem Fernando Pessoa, novamente, invadir meus pensamentos. “Acho tão natural que não se pense, que me ponho a rir às vezes, sozinho”: deixar a aprendizagem ser alegre e descontraída, deixar o aluno descobrir, não perder tempo pensando em coisas desinteressantes e desnecessárias para, então, “ter o céu e a terra”.

A disciplina também é um fator que propicia o prazer, a alegria de estarmos na Escola. Num ambiente onde o diálogo, o compromisso, a confiança e a afetividade sentam-se lado a lado, obviamente o respeito em todos os sentidos está por lá e, com esses ingredientes, o prazer é resultado.

Então, quando P3 afirma que: “ (...) aqui se faz tudo com prazer e carinho (...) o ser humano é capaz de chegar a grandes objetivos”, percebo nessa Escola um ambiente onde o prazer não é exorcizado. Aparece, sim, como um dos componentes de ações que destróem convicções, impregnadas de uma soberba infame, dos veredictos dados por aqueles (alguns/muitos) que têm seus filhos estudando em escolas particulares : “- Se fores reprovado, te mando para escola pública.”, como se ela fosse um castigo.

Na Bibi, assisti várias reuniões do Conselho de Classe, reuniões pedagógicas e gerais e me chamou atenção a forma com que os professores e funcionárias demonstram sua preocupação com os estudantes e o quanto essas reuniões tornam-se alternadamente “felizes” e “tristes”, dependendo da situação que envolve os estudantes e suas famílias²³. Isto demonstra que não estão indiferentes às questões sérias, mas que tampouco são impermeáveis à alegria das conquistas com os estudantes, como quando uma família passa a confiar na escola e permite, pela primeira vez depois de muitos passeios, que seu filho acompanhe a turma. Vale ainda registrar a quase euforia existente no grupo (professores²⁴ e funcionárias) quando encontram-se, nas reuniões gerais, regadas a bons cafés da manhã ou delicioso sorvete, e a muitas falas, risadas sonoras e brincadeiras.

²³ Importante registrar que aparece, como discurso recorrente na Bibi, a afirmação de que ao matricular o aluno a escola aceita todo universo que o acompanha(família, vizinhos, animais de estimação – seguidamente os alunos surgem com ninhadas de filhotes para que professores e funcionárias conheçam os novos habitantes da casa), por isso com bastante frequência aparecem no texto alunos e famílias sendo tratados com a mesma atenção em reuniões.

²⁴ Somente quando houver exigência do texto, por citação ou referência, falarei sobre a equipe diretiva; nas demais situações a sua participação será mostrada sempre que eu me referir aos professores.

Associado a esse clima, cito E8, quando refere-se às viagens e passeios²⁵ que as turmas fazem ao longo do ano, como as coisas que ele mais gosta: “ (...) porque fazem os alunos se unirem.”, e afirmo que esses são momentos de extrema integração e descontração entre os diversos segmentos da escola; existe uma sintonia que pode ser observada nas brincadeiras, na divisão de lanches, no cuidado que todos têm com todos. A interação é tão grande que, tenho certeza, alguém de fora teria dificuldade em saber quem é professor, estudante ou funcionária²⁶.

Quando Snyders fala sobre a obrigação e a felicidade, aponta com precisão para uma das saídas encontradas pela Bibi para fazer com que os estudantes sintem mais prazer em sala de aula. Refiro-me à estruturação de uma nova organização curricular, ou planos de estudos, que compreende uma disciplina²⁷ com carga horária maior que as demais na qual, acompanhados pelos professores, os estudantes discutem e decidem que temas irão estudar. Sobre esse assunto os estudantes pesquisados são unânimes em afirmar que, junto com os passeios e viagens, que fazem parte dessa disciplina, é o que eles mais gostam na Escola.

Dessa forma, oferecendo-a à totalidade dos estudantes²⁸, a Escola trouxe um pouco de extra-escolaridade, também muito bem abordada por Snyders (2001, p.37) quando diz que “a extra-escolaridade ora retoma, à sua maneira, setores já escolarizados, ora se abre para atividades que (ainda?) não tiveram lugar na escola. É inegável que ela pode oferecer, aliás, as alegrias da cultura mais elevada.”

²⁵ Ver PPP em anexo.

²⁶ Não citei os pais, pois as viagens e passeios que fiz como pesquisadora eram para o pessoal que estuda e trabalha na Escola. Mas registro que em outras oportunidade onde participei de passeios com os pais havia e há essa mesma integração.

²⁷ Projeto Integrado. Ver Planos de Estudos em anexo.

²⁸ Ver PPP em anexo.

Ao reformular sua forma de distribuição de horas dos alunos, a Bibi busca dar sentido a coisas que tenham significado para todos, subvertendo e/ou utilizando as leis a favor de sua função social, para não condicionar-se somente a “pensares” pré-estabelecidos, vindo a “entristecer e ficar às escuras”. Opta, então, pelo prazer do que pode ser significativo no pensar pedagógico.

A FORMIGA

As coisas devem ser bem grandes
Pra formiga pequenina
A rosa, um lindo palácio
E o espinho, uma espada fina.

A gota d'água, um manso lago
O pingo de chuva, um mar
Onde um pauzinho boiando
É navio a navegar.

O bico de pão, o Corcovado
O grilo, um rinoceronte
Uns grãos de sal derramados, ovelhinhas pelo monte.

Vinicius de Moraes

6.5. A FORMIGA

*“Gostaria de perguntar como você começaria,
segunda-feira de manhã, numa nova escola (...)”*

Ira Shor

Um olhar PPP – Por quem, Para quem, Para quê ?

Os Projetos Político-Pedagógicos têm como finalidade institucional organizar os sonhos das escolas dentro de suas estruturas e como obrigação moral propor com ousadia, romper com algumas dessas estruturas. São, portanto, a principal fonte de abastecimento para que as escolas façam acontecer seus sonhos. Dentro dessa perspectiva, não poderia ser diferente em uma Escola que pensa o coletivo como forma de tornar-se mais forte diante das profecias generalizadoras de que as escolas públicas não têm qualidade.

“Preocupação” freqüente em debates e reportagens, à escola pública são atribuídas falhas que pertencem a todo universo escolar (independente do órgão mantenedor), e apontadas, também, soluções que estão, na sua maioria, desvinculadas do universo escolar. São os “amigos da escola” que resolvem os problemas pedagógicos, de estrutura física e de equipamentos; são as câmaras de vídeo que resolvem o problema da disciplina; é a polícia que resolve o problema dos conflitos com estudantes e vizinhos da escola.

“As coisas devem ser bem grandes, pra formiga pequenina”, diz Vinícius de Moraes. Por vezes buscamos grandes soluções para problemas que parecem grandes quando descontextualizados e submersos na ignorância. A escola, de modo geral, precisa ressignificar suas metas e entender como ela própria é vista por todos pois, por vezes, o que para uma formiga parece “um

rinoceronte” pode ser apenas “um grilo”, levando-nos a definições e decisões que geram outros problemas.

Então, quando na Bibi os alunos apontam a tranquilidade como um dos itens que mais admiram na Escola; quando professores e funcionárias falam que lá sentem-se muito bem e não pensam em sair, mesmo alguns morando muito longe; quando os pais, numa pesquisa que a escola realiza no final do ano letivo, apontam que a segurança de seus filhos e a forma alegre com que acontecem as relações são o que ela tem de melhor, fica a convicção de que as respostas e as soluções têm seu ponto de partido na própria escola, não devendo ela, jamais, repassá-las a outros.

Evidentemente, não seria possível à Escola justificar temas tão exigentes e que devem ser compartilhados se não tivesse algo que fizesse dela uma unidade. Penso, então, ser através de um grande projeto de como é pensada a educação e a vida que faz com que haja um olhar dos diferentes (diferentes em todas as diferenças que se puder pensar neste momento) com seus capitais trazidos para circular dentro desse espaço relacional, direcionado para objetivos que são comuns e, como construídos para e por todos trazem ao universo da Escola as possibilidades de uma convivência distinta e particular.

Um dia desses fui entrevistada por um estudante do curso de Ciências Sociais/ UFPel, momento em que ele me perguntou sobre a autonomia das escolas no que tange à recursos financeiros e alterações na distribuição de disciplinas e suas cargas horárias. Fiquei preocupada e, para me certificar em que campo estava pisando, perguntei-lhe por que havia escolhido essas questões, ao que ele respondeu: *“Como a lei prevê uma autonomia que as escolas não têm ou pensam que não têm, estamos fazendo essa investigação para verificar.”*

Fiquei mais preocupada ainda... mas estava ali, na minha frente, a chance de conversar com alguém sobre as possibilidades da Escola. Seja por desconhecimento, por acomodação ou maldade, a verdade é que as Escolas não usam a autonomia que possuem, preferem acusar os órgãos superiores de autoritários e abrem mão dos seus direitos em nome de nada ou de tudo outorgado.

Por vezes alegamos baixo salário (o que é verdade), mas desconhecemos a lei que poderia ajudar-nos na luta para que ele melhorasse; não conhecemos nossa posição dentro do plano de cargos e salários; vamos a assembleias e não nos reconhecemos como parte do sindicato, afirmando vergonhosamente que é o sindicato que faz o movimento de luta. Abrimos mão de nossa força e entregamos o bastão como se isso fosse a saída para não arcarmos com o ônus que toda tomada de posição acaba exigindo.

Sendo essa uma situação facilmente identificada por aqueles que necessitam *gritar* para que seus direitos sejam cumpridos e sendo uma questão que toca diretamente no *bolso*, a probabilidade de que os envolvidos a conhecessem seria muito grande. Seria...

Então, quando professores e funcionários pararão para entender o que as leis que regem a educação neste país lhes garantem ? O que é possível fazer na escola para que ela se torne um ambiente melhor ? Se os estudantes mudaram, em que a escola pode mudar para não ficar tão longe ?

Diante daquele jovem ávido por informações, preocupado com a falta de garantias legais para as mudanças, peguei a LDB 9394/96 e juntos fizemos uma leitura de dois itens importantes dessa lei em duas horas. Pode parecer muito tempo para pouco texto, mas lembro uma das minhas aprendizagens com Freire, quando ele aborda a questão da leitura para a compreensão : “ (...) meu rigor e minha posição política me levam a ajudar os estudantes, ensinando-os a ler (...)”

depois daquele exercício, deveria ser mais fácil, para os estudantes, lerem sozinhos” (2003, p. 106 e107). Assim, detivemo-nos no artigo que legisla sobre a formulação dos currículos e as disciplinas que devem fazer parte dos regimentos. Com a lei e os planos de estudos da Bibi, fomos desvendando uma realidade que aponta outros caminhos. Visivelmente tranqüilo, ao perceber as possibilidades de ousadia que a lei possibilita, o estudante me perguntou se eu tinha certeza de que o documento da Escola estava fundamentado na mesma lei, momento em que rimos e passamos a outras questões.

O relato dessa experiência torna-se importante neste momento, pois ao apresentar o projeto da Escola pesquisada, como lastro das ações que a fazem diferente, quero registrar que a cada ano, desde 1997 quando foi elaborado o primeiro P.P.P., são feitas alterações, e que essas alterações correspondem à necessidade de superação que tomou conta das pessoas ao, de uma forma ou de outra, lá na Bibi ou fora dela, sentirem-se impelidas a reinventar a Escola, reinventando-se também.

Como “o conhecimento é o horizonte mais precioso e arriscado do ser humano” (Demo,2001, p.154) e como viver o mundo da escola é ousar todo dia, cada vez mais o projeto da Escola torna-se abrangente e próximo das necessidades da comunidade, se a escola souber observar e transformar e/ou adaptar os olhares de forma que não sejam descartadas algumas saídas - dependendo de como e por quem os conflitos e as soluções são pensadas, pode parecer “o bico de um pão ou o Corcovado”.

Por fim, convido-os a imaginar como represento essa Escola, através da subjetividade que me seduz e que conversa comigo na solidão (substituta intelectual dos “meus botões”): primeiro, nas relações humanas, como uma grande face montada com pequenos rostos das pessoas que por lá se encontram: sendo assim ela confirma sua identidade e seu compromisso; segundo, nas relações com a estrutura que fundamenta o Sistema Relacional que ela

estabeleceu, onde construo uma plataforma *feita de* P.P.P. sobre a água, o que possibilitará escolher direções, ousar ultrapassar limites e correr riscos. Emergem dessa plataforma pilares que também a sustentam feitos de diálogo, prazer, conhecimento e parceria (dentre outros, tantos quantos forem surgindo ou que outros óculos enxerguem) com gentes que chegam, saem, circulam e que encontram na diversidade uma grande aliada na luta contra as desigualdades.

Uma análise mais precisa das ações que a Bibi vem desempenhando nos últimos anos, revela que a partir da implantação e cumprimento do primeiro P.P.P. as vontades foram ampliadas e a manutenção de projetos e propostas, bem como as alterações e inclusões, foram sempre respeitadas pelo poder público, independente do governo (o que dificulta ou facilita essas ações são as aproximações com o projeto político para a educação). Ou seja: o que é legal, coletivo e sério, mesmo quando ousado, se garante.

“ O que parecia inevitável não aconteceu. Os papagaios calaram o bico, as aves de rapina encolheram as garras, o pequeno bando de negrelas dispersou, a grande comunidade das negrelas sossegou, e a escola das aves ressurgiu. Como vê, é tudo uma questão de tempo, esforço e esperança. Tudo o que é justo e verdadeiro ergue-se das cinzas, como a Fênix, que é uma ave da mitologia. As gaivotas da nossa história continuaram a sobrevoar mares longínquos em busca de novos sóis, animadas da coragem que permite reconstruir ninhos devassados, e envolvidas numa verdade tranqüila, acima da espuma dos dias e de marés negras, em vôos jamais adivinhados.

Seja como as gaivotas, querida Alice.

Seu avô José”



(Trecho da carta: Uma história quase triste,
do livro : Para Alice com Amor/José Pacheco)

2005 08 09

VII. REFLEXÕES E TRILHAS

“É muito fácil saltar um ou vários temas de um programa e acrescentar outros que não estavam previstos, comprimir uns e enriquecer outros ou mudar o enfoque de qualquer deles. Entretanto, é muito difícil alterar realidades como a organização individualista do trabalho dos alunos, a avaliação quantitativa de seu rendimento ou, simplesmente, o horário letivo.”

Mariano Fernández Enguita

Considerações para continuar refletindo

Acredito que este trabalho possa contribuir para a compreensão e a possível melhoria das relações escolares. Antes de ser espelho que reflete um só lado, apresenta-se como um holograma, onde as várias e diferentes faces de uma situação podem ser “olhadas” de diferentes posições e maneiras, com olhares às vezes surpresos, às vezes cansados, às vezes descrentes, muitas vezes esperançosos, solidários, comprometidos, mas que podem se encontrar na importância que têm.

Em suma, o que digo é que essa Escola fundamentada com base em uma estrutura de funcionamento e relações sutilmente perversas, como percebe Foucault, se (re)faz cotidianamente, ávida por humanizar-se, dialogando, coletivizando, traçando um novo perfil, uma nova estrutura que rompe e debocha de uma autoridade e de uma disciplina antes constituídas, pois essa não serve mais à criança e ao jovem de hoje que, antes mesmo de entenderem o significado de um *sim*, questionam o *não*.

Algumas delimitações precisam ser estabelecidas com relação ao que é compreendido pela Escola sobre violência. Para isso ofereço uma síntese das ações, reflexões e reações, que ao longo deste texto, de forma explícita ou implícita, foram relatadas, observadas, vividas e inspiram o trabalho na Bibi.

Neste momento, que nada tem de conclusivo, mas que encaminha as indagações e intenções deste texto para uma pausa, restam algumas considerações sobre as propostas apresentadas por essa Escola. Perceber como a mesma entende as formas de violência escolar e suas variantes, bem como as perspectivas escolhidas para trilhar os caminhos que estão postos e os que haverão de surgir, são as fontes de inspiração e compreensão desta pesquisa que evidencia diferenças muito vigorosas no trato com esse universo tão complexo.

Numa perspectiva formulada de forma intuitiva pela Escola, considero que, com relação aos estudantes, há uma aposta no amadurecimento da disciplina, que subentende autodisciplina, compreendendo a responsabilidade que têm com seus atos e que o indivíduo evolui progressivamente, possibilitando cada vez mais a compreensão do compromisso que têm consigo mesmos e com o outro.

Por outro lado, professores e funcionárias, alcançaram um nível significativo de competência sobre o tema, o que lhes favorece. Isto se deu na medida em que superam, a cada dia, a ansiedade e o medo da indisciplina, através de reflexões e discussões que acontecem de forma intuitiva ou por “aptidões para sobrevivência” como explica Gotzens (2003, p.33) :

(...) por se terem envolvido em um processo de formação que lhes permitiu modificar a conceituação e a formulação do tema, aproximando-os de um enfoque que podemos chamar de psicoeducativo, que os coloca em uma posição privilegiada para atuar sobre ele.

Neste caso ainda, trata-se de reconhecer o que diz respeito à Escola resolver e o que deve ser compartilhado com outras instituições, sem abrir mão de sua função, mas não perdendo de vista suas limitações, o que aparece claramente nas medidas adotadas pela Escola quando não há respeito às regras.

Outro fator importante nessa relação dos profissionais que trabalham na Escola com o tema abordado é a compreensão dos fatores que diferenciam a disciplina escolar e a disciplina em sala de aula, o que fez com que várias turmas da Escola tenham suas próprias constituições, pois existem situações que pertencem ao universo da sala de aula e outras que são pertencentes aos espaços gerais. Isto leva em conta que

O conflito apresenta-se quando, partindo de normas comuns a toda escola, pretende-se homogeneizar (...) trabalho e dinâmica disciplinar de cada grupo (...) apelamos novamente à necessidade de respeitar a idiosincrasia de cada grupo de ensino (...) mantendo a flexibilidade requer a consecução de uma dinâmica de sala de aula espontânea, diversificada e adaptada a suas peculiaridades. (Gotzens, 2003, p.31)

Os afluentes de um grande rio naturalmente se formam e não têm o mesmo tamanho, mas a cada um é atribuída importância pois cada um tem uma função a desempenhar. Dessa forma a Escola, para acompanhar seus estudantes, lançou mudanças que são diferentes no seu conteúdo e na sua grandiosidade, compreendidas entre a percepção de que, se ao entrar no portão os estudantes forem estimulados a cumprimentar a funcionária que ali permanece, até a alteração radical no sistema de avaliação, todas as mudanças são muito significativas, pois aconteceram de forma gradual e sem imposição.

Penso que na Bibi o muro seria retirado se não houvesse o perigo da rua, pois a liberdade fez-nos aprender a não temer as relações. Quintana bem expressa essa idéia em seu poema *Distância*: “Essas distâncias astronômicas não são tão grandes: basta estenderes o braço e tocar no ombro do teu vizinho.” Como não possuímos uma “varinha de condão” para a resolução de problemas e,

certamente, conscientes de que sempre, todos os dias, a cada minuto, a Escola tem novos momentos e experimentos, trago aqui a convicção de que “Partilhamos de algumas diversas e mesmas dúvidas. Conversamos muito a respeito e buscamos juntos não tanto soluções definitivas – pois elas não existem – mas pelo menos perguntas mais críticas e mais sábias, em busca de respostas mais claras e mais inteligentes.”(BRANDÃO, 2003, p. 32)

Entre risadas, brincadeiras, tapinhas, gritinhos e olhares eles desaparecem e a escola emerge em um silêncio que ecoa nos ouvidos das poucas pessoas que ficam: duas funcionárias limpando as salas, uma secretária, uma merendeira que faz nosso estômago reclamar com o cheirinho do seu almoço, alguns professores que discutem acirradamente sobre os pareceres descritivos dos estudantes, numa rapidez de quem tem que voltar daqui a pouco.

Retornam (os professores) e a discussão se estabelece sobre assuntos da cidade. Num piscar de olhos a discussão passa para a preocupação com os estudantes com um número excessivo de faltas, o que pode dificultar o avanço para a série subsequente.

E assim a Escola se faz e se refaz, dinâmica e desafiadora.

A PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.

Como desencanta-la?

É a senha da vida
a senha do mundo.

Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.

Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

Carlos Drummond de Andrade

VIII. DIÁLOGOS

*“No Brasil, é preciso articular o saber acadêmico
de ponta com a ‘popularização’,
de modo a termos uma proporcionalidade entre
o crescimento do número de pesquisadores
e o crescimento do ‘público leigo culto’.”*
Paulo Ghiraldelli Jr.

Referências

ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola Reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ALVES, Ruben e DIMENSTEIN, Gilberto. **Fomos maus alunos**. São Paulo: Papyrus, 2003.

_____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas: Papyrus, 2003.

AMADO, João. **Indisciplina e Violência na Escola: Compreender para Prevenir**. Porto: ASA, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Simplesmente Drummond**. Coleção Literatura em minha casa. Rio de Janeiro: Record, 2002.

AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na Escola – Alternativas teóricas Práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Autoridade e Autonomia**. São Paulo: Summus, 1998.

BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria Netto (org.). **A bússula do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos em Educação**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. Veranópolis: Iterra, 2001.

_____. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

CASAMAYOR, Gregori. **La disciplina a l'escola**: L'important és prevenir. Barcelona: Grão, 1988.

DEMO, Pedro. **Saber Pensar**. São Paulo: Cortez, 2001.

ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da Escola**: Educação e Trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESTRELA, Maria Tereza. **Une étude sur l'indiscipline en classe**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

_____. **Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Editora Porto, 1994

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História da Violência nas Prisões. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da Liberdade**. 26 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Vivendo e Aprendendo: Experiências do idac em educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 2005.

_____ e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'Água, 2005.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas.** São Paulo : Ática, 2002.

_____. **Pensamento Pedagógico Brasileiro.** São Paulo: Ática, 2004.

_____ et alli. **Pedagogia: Diálogo e conflito.** São Paulo: Cortez, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GHIGGI, Gomercindo. **Trabalho, Conhecimento e Formação do Trabalhador.** Pelotas: UFPel, 1993.

_____. **A Pedagogia da autoridade a serviço da Liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação.** Pelotas: Seiva, 2002.

_____ e KNEIP, Telmo. **Paulo Freire: Implicações antropológicas na Filosofia da Educação de Paulo Freire.** Pelotas: Seiva, 2004.

GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento.** Porto Alegre: Art Med. 2003.

GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da Violência Escolar: Conflito e ambigüidade.** Campinas: Autores associados, 1996.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho Docente, Classe Social e Relações de Gênero.** Campinas: Papyrus, 1997.

MAUDIRE, Paulette. **Exilados da Infância.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MAKARENKO, Anton Semiónovitch. **Conferências para Educação Infantil.** São Paulo: Moraes, 1986.

_____ **Poemas Pedagógicos.** Vols. I, II. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____ **Poemas Pedagógicos.** Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MEC. Série de Estudos / Educação a Distância / Salto para o Futuro: **Educação do Olhar**. Vol.02. Brasília: MEC, 1998.

MEC. Série de Estudos / Educação a Distância / Salto para o Futuro: **Construindo a Escola Cidadã – Projeto Político Pedagógico**. Brasília: MEC, 1998.

MORAES, Vinícius de. **A arca de Noé**. Coleção literatura em minha casa. São Paulo: Companhia das Letrinhas., 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MURRAY, Roseana. **A bailarina e outros poemas**. Coleção Literatura em minha casa. São Paulo: FTD, 2001.

NETO, João Simões Lopes. **Contos gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1953.

OLIVEIRA, Dalila Andrade & ROSAR, Maria de Fátima Felix.(orgs.).**Política e Gestão da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica,2002.

OLIVEIRA, Edelvira Silva. **Projetos escolares e resgate da auto-estima**: Uma experiência de Êxito. Artigo de Conclusão do Curso de Especialização em Educação. FAE/UFPel . Pelotas, 2003.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola pública**. São Paulo: Xamã, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia das diferenças** – Fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PESSOA, Fernando. **Alberto Caeiro**. Brasília: Germape, 2003.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

QUINTANA, Mário. **Na volta da esquina**. Porto Alegre: Globo, 1979.

RIBOULET, L.. **Disciplina Preventiva**. São Paulo: F.T.D., 1963

RIO GRANDE DO SUL. Caderno Temático da Constituinte Escolar-Governo do Estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Maio de 2000.

SEBARROJA, Jaime Carbonell (org.) et al.;. **Pedagogias do Século XX** .Porto Alegre: ArtMed, 2003.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade** – Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. O Panóptico – Jeremy Bentham. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

THIOLLENT, Michel J.M. **Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo**: Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. São Paulo: Gente, 1998.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Disciplina**: Construção da Disciplina Consciente e Interativa em Sala de Aula e na Escola . São Paulo: Cadernos Pedagógicos do Libertad, 1994.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Toda criança do Mundo**. Coleção Literatura em minha casa. Rio de Janeiro: FTD, 2002.

São tantas marcas
que já fazem parte
do que sou agora mas,
ainda sei me virar.

Lanterna do Afogados – Herbert Vianna

IX. PARA COMPREENDER MINHAS ESCOLHAS

1.1. ABREVIATURAS

- PPP – Projeto Político Pedagógico
- SME – Secretaria Municipal de Educação
- MEC – Ministério da Educação e Cultura

1.2. VOCABULÁRIO

- Bibi : forma carinhosa como é chamada por estudantes, professores, funcionárias e pais a E.M.E.F. Bibiano de Almeida.
- Estudantes : utilizarei a palavra estudantes para fazer referência àqueles que estudam na Escola, pois a palavra “alunos” carrega na sua etimologia uma sentença perdoável, porque eles não sabiam o que diziam, mas que ainda me incomoda.
- Funcionárias : porque na Escola todas as funcionárias são do sexo feminino.

1.3. SUB-TÍTULOS

Na abertura de cada Capítulo e, em especial no Capítulo VIII utilizei, para significar os temas, títulos de poemas que aparecem na página de rosto de cada um deles.

Todos os poemas de Carlos Drummond de Andrade. Fernando Pessoa, Luis Fernando Veríssimo, Vinícius de Moraes e Roseana Muray foram retirados de livros de poesia da Coleção Literatura em Minha Casa (FNDE / PNBE / 2002), que

minha filha e seus colegas ganharam na Escola. Os demais trechos, que foram perigosamente invadidos por mim, são letras de músicas.

1.4. QUESTÕES PARA OS ENTREVISTADOS

Os dados de identificação como idade, formação, estado civil, tempo de serviço na ou fora da escola e se tem filhos são por vezes determinantes no comportamento, principalmente no que tange a disponibilidade de professores e funcionárias. São, por vezes, álibis para que as pessoas deixem de fazer ou agir de determinada forma.

Sendo assim, achei importante colocá-los para não deixar dúvidas de que são seres humanos normais, com diversos motivos para não fazer, mas com uma força maior para fazer um trabalho qualificado.

Nos dados dos estudantes, solicitei que respondessem se participavam ou não dos projetos oferecidos pela escola, com o intuito de, primeiro confirmar o número grande de alunos que procuram os projetos e segundo entender porque optam por estar na escola e não na rua ou em suas casas.

A primeira questão, que trata das conversas fora da Escola e que foi feita a todos os pesquisados, me trouxe a visão da “calçada”, ou seja, a Escola como ela é vista e falada fora do seu pátio e, também, se ao sair daquele ambiente as pessoas ainda ficam, de alguma maneira, ligados a ele. Se a Escola faz parte positivamente ou negativamente das suas vidas.

As outras questões foram escolhidas com a intenção de fazer com que os entrevistados desenvolvessem suas opiniões e que essas não ficassem limitadas somente Escola, mas que nos desse a chance de vê-los com as posturas que assumem para suas vidas, reveladas nas relações escolares.

ANEXOS

Anexo 01

Pesquisa: **Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: Ortografia**

Prof^a. Dr^a. Ana Ruth Miranda

Em 2001, começamos a desenvolver um projeto que visou a criação do Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPel) no qual estão contidas produções espontâneas de crianças que estavam cursando o ensino fundamental.

Esse Banco está vinculado à pesquisa intitulada "Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: ortografia" cujo principal objetivo é investigar a aquisição e o desenvolvimento da ortografia nos textos de crianças de 1^a a 4^a série. Para isso escolhemos duas escolas da cidade de Pelotas (RS), uma pública e outra particular. A escolha dessas duas escolas deveu-se ao fato de possuírem ambas um projeto pedagógico semelhante, uma vez que tinham a leitura e a produção escrita como o ponto de partida e de chegada para o desenvolvimento do processo de letramento de seus alunos. A diferença entre elas é que atendiam a camadas populacionais com características distintas, principalmente, com relação ao grau de escolaridade dos familiares dos alunos, o que resultaria em uma maior exposição a situações de letramento, por parte das crianças da escola particular.

A Escola Municipal Bibiano de Almeida foi a escola pública escolhida para a implementação do projeto. Consideramos a variável público-particular importante porque acreditamos que a idéia segundo a qual o maior acesso ao mundo letrado está relacionado, quase que exclusivamente, com um melhor desempenho ortográfico precisaria ser verificada. Isto porque acreditamos que é

necessário que se discuta o real papel da escola pública no processo de desenvolvimento das crianças em um país tão desigual como o nosso. O trabalho de coleta dos textos encerrou-se em 2004 e começamos a intensificar os processos de análise dos dados. Temos verificado, até o momento, que o desempenho das crianças é em grande parte bastante semelhante, independentemente da escola. Se verificamos uma diferença significativa no tipo e na quantidade de erros encontrados, na primeira série, essa diferença gradativamente vai diminuindo até que, na terceira e quarta séries, não se verifique mais. Achamos significativos esses resultados que começam a surgir da análise dos dados porque eles podem nos ajudar a enxergar mais claramente a importância da Escola na vida das crianças, principalmente daquelas que têm menos acesso à leitura e à escrita.

Não raro, quando se fala em escola pública no Brasil, vem-nos a idéia de fracasso, de falta de materiais, de degradação do espaço físico e de desqualificação do corpo docente. Tudo isso é atribuído ao descaso e à incompetência de sucessivos governos e esse quadro acaba levando-nos à profunda descrença e à sensação de impotência diante dos fatos, fazendo com que pareça ser impossível reverter tal situação. A experiência de conhecer a Escola Bibiano, no entanto, é um alento para aqueles que acreditam nas instituições públicas de ensino. Temos ali um bom exemplo do que pode ser a escola pública de qualidade que queremos e acreditamos ser a grande alternativa para grande parte das crianças brasileiras. Não podemos deixar de pensar, no entanto, que essa escola de qualidade é possível graças ao compromisso e à seriedade dos professores e da equipe diretiva que, por seu trabalho, envolvem toda a comunidade escolar.

Ana Ruth Miranda – Professora da Faculdade de Educação-UFPEl

ANEXO 02

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
BIBIANO DE ALMEIDA

“ Artigo VII : Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.”
Estatutos do Homem / Thiago de Mello

2005

A escola ao pensar e elaborar um Projeto Político-Pedagógico discute e explicita de forma clara os valores coletivos assumidos.

Delimita suas prioridades, define os resultados desejados e incorpora a auto-avaliação ao trabalho do professor.

INTRODUÇÃO

Este projeto visa consolidar a democracia na escola e lançar, sempre, a discussão de como a escola se insere em nossa sociedade, dentro de um processo de transformação. Aponta caminhos que possibilitem a auto-identificação da própria comunidade escolar nas formas de pensar, de ser, de se relacionar entre si e com o poder.

Nesse percurso, a comunidade escolar avança na conquista da cidadania, pois percebe e vivencia direitos e deveres, ampliando essas possibilidades para outras situações fora da escola.

Dessa forma, os professores, funcionários, pais e alunos poderão assumir seu papel de sujeitos nas decisões, enfrentando os conflitos que as relações do dia-a-dia da escola impõem.

A escola, como um lugar de liberdade e autonomia, deve representar um espaço pedagógico de discussão, pois no confronto persistente entre as diferentes visões de mundo e projetos de escola é que será possível pensar as relações de poder dentro de uma perspectiva democrática.

JUSTIFICATIVA DO PROJETO

Para que a escola produza um ensino de qualidade, é essencial a vinculação da mesma com as questões sociais e com a democracia, não só do ponto de vista da seleção e tratamento dos conteúdos, como também da própria organização escolar. As normas de funcionamento e os valores, implícitos e explícitos, que regem a atuação das pessoas na escola são determinantes da qualidade do ensino, interferindo de maneira significativa sobre a formação dos alunos.

Para ser uma organização eficaz no cumprimento de propósitos estabelecidos em conjunto por professores, funcionários, coordenador, orientador, diretor e comunidade e

garantir a formação coerente de seus alunos ao longo da escolaridade obrigatória, é imprescindível que a escola discuta e construa seu projeto político pedagógico.

A escola ao pensar e elaborar um projeto político pedagógico discute e explicita de forma clara os valores coletivos assumidos, delimita suas prioridades, define os resultados desejados e incorpora a auto-avaliação ao trabalho do professor.

Tal projeto orienta o trabalho cotidiano realizado na escola pelos professores e especialistas e serve à reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento das aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos que possam contribuir para a construção de uma educação voltada para a formação de cidadãos. O resultado que se espera é a possibilidade de os alunos terem uma experiência escolar coerente e bem sucedida.

FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

A escola como instituição social tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos. Dessa forma, tem que possibilitar e criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam conteúdos necessários à compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente.

Estes conhecimentos que se transmitem e se criam na escola ganham sentido na interação entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, num processo contínuo de aquisição, no qual interferem fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos.

A escola deve propiciar ao aluno situações diversificadas de aprendizagens; aprender a respeitar e ser respeitado, a ouvir e ser ouvido, a reivindicar direitos e a cumprir obrigações, a participar ativamente da vida científica, cultural, social e política do país e do mundo.

Nesse processo evidencia-se a necessidade de participação da comunidade, em especial dos pais, tomando conhecimento e interferindo nas propostas da escola e em suas estratégias.

HISTÓRICO DA ESCOLA E DE SEU PATRONO

De acordo com o decreto 1739 de 17 de agosto de 1928, foi criada a Escola Rural “Bibiano de Almeida” que, pela portaria \ sec. n 346/86 e 817/81 do Conselho Estadual de Educação, foi designada “Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Bibiano de Almeida” no bairro Areal à Av. da Paz, nº 80.

A escola recebeu esse nome em homenagem ao notável professor Bibiano Francisco de Almeida, que nasceu a 19 de setembro de 1838, em Belém Velho. Aí passou a sua infância, juntamente com o padre Chagas que era gramático e afamado latinista.

Quando o seminário foi fundado, Bibiano de Almeida, matriculou-se com o propósito de tirar o curso de humanidades. Não sentindo inclinação para a vida eclesiástica abandonou os estudos dedicando-se ao magistério, que exerceu com grande competência, com intenso carinho. Seus alunos tinham nele um grande amigo e eram tratados como se fossem seus filhos, tanto que, em pouco tempo, tornou-se o mais querido e popular professor da cidade, pois, no meio de todas as dificuldades e angústias, sempre foi de uma bondade infinita.

Bibiano de Almeida amava a sua liberdade acima de todas as coisas, por isso saiu do seminário onde demonstrava os raros dotes de seu talento de eleição, contando muitas vezes, para quebrar a monotonia das disciplinas que ensinava, um ou outro episódio interessante dos seus bons tempos de seminarista, chegando a emocionar-se devido a sua alma sensível e delicada.

Se em alguns momentos perdia a calma era para reagir contra os maus, que o perseguiram e tentavam prejudicá-lo.

Duas vezes exerceu ele o cargo de professor público, em Belém Velho e no 3º distrito da capital. Neste último lugar não se manteve por muito tempo, pois foi vítima de uma falsidade cometida por um colega professor.

Se Bibiano de Almeida não fosse tão inteligente, ninguém seria capaz de atribuir-lhe a autoria dos artigos contra o presidente que, apesar de ser liberal, inteligente, porém apaixonado por política, deu ouvidos a mexericos, e resolveu demiti-lo do cargo de mestre.

Descontente com a perseguição política transferiu-se para Pelotas, onde juntamente com o brilhante professor João Afonso, abriu um colégio particular. Mais tarde fixou residência em Rio Grande onde continuou no exercício de sua missão, até falecer em 5 de maio de 1892.

Em 17 de agosto de 1928, o doutor Augusto Simões Lopes, intendente do município de Pelotas, criou a escola rural “Bibiano de Almeida” em homenagem à alma generosa e patriótica do professor Bibiano de Almeida, por suas obras didáticas e pela sua batalha pela Liberdade.

Nossa escola, após as mudanças de reestruturação da Secretaria de Educação e Cultura, passou a chamar-se “Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Bibiano de Almeida” e está situada à Av. da Paz nº 80, no bairro Areal. De acordo com a nova LDB 9394/96 e o decreto municipal n 3939, a escola passou a ter nova designação, denominando-se “Escola Municipal de Ensino Fundamental Bibiano de Almeida”.

CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE

O grupo de famílias da escola é composto por uma diversidade peculiar de nosso país, pois dele fazem parte raças, etnias, credos, situação sócio-econômica-cultural muito diferentes, o que se reflete nas razões pelas quais colocam seus filhos na Escola.

Dessa pluralidade surge uma expectativa que torna o nosso trabalho realizável, a vontade coletiva de que os alunos sejam os beneficiados na relação escola/família.

O contato com os pais nas reuniões e atividades revigora o papel do Clube de Mães e do Conselho Escolar nas decisões da escola.

Utilizamos como instrumento de pesquisa das características da comunidade:

- Conselhos de pais com reuniões trimestrais por turmas, onde é feita uma avaliação da escola até aquele momento;
- avaliação anual da escola e das relações nela desenvolvidas, através de questionário;
- visita às famílias da Pré-escola, para conhecer melhor sua realidade.

OBJETIVO GERAL DA ESCOLA

Promover a conscientização dos alunos com relação aos seus direitos e deveres, na vida escolar, social e cultural do país, através de atividades que permitam que o aluno desenvolva seu processo de identificação, e de auto-conhecimento, valorizando sua participação na construção da realidade social, não só recebendo influência do meio, mas influenciando-o.

Objetivos específicos

Educação infantil: Criar condições para satisfazer as necessidades básicas da criança, oferecendo-lhe um clima de bem estar físico, afetivo-social, através de atividades lúdicas que permitam a curiosidade e espontaneidade, estimulando novas descobertas e o estabelecimento de novas relações, a partir do que já conhece, complementando a ação da família e assim, contribuir para o seu desenvolvimento global.

Ensino fundamental: O ensino fundamental terá por objetivo a formação do cidadão mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios a leitura, a escrita de diferentes códigos, num contato com os mais diferentes tipos de linguagens explicitadas através das Ciências, da Matemática, da Filosofia, das Línguas Estrangeiras, das Artes, da Sociologia, da História e da Geografia, que levam o aluno a expressar / comunicar suas idéias, interpretando e usufruindo das produções da cultura.

Educação de Jovens e Adultos: A Escola objetiva, então embalar os desejos daqueles que por qualquer que sejam os motivos, tenham sido excluídos pelo sistema educacional. Pretende oportunizar aos estudantes um novo sonho de cidadania através de conteúdos, cursos e relações, proporcionando novas perspectivas, visando, acima de tudo, qualidade de vida e coragem para voltar a sonhar. Propiciar o re-sonhar um sonho, que para muitos foi interrompido, mas não foi esquecido.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DA ESCOLA

Dados de identificação:

Nome:

Escola Municipal de Ensino Fundamental Bibiano de Almeida

Vinculação:

Decreto nº 1739

⇒ Grau de ensino:

Educação Infantil

Ensino Fundamental

Educação de Jovens e Adultos

⇒ Séries em funcionamento:

Pré-escola –Nível B

1ª a 7ª série

E.J.A. (1ª/2ª e 3ª etapas)

Projeto de Aceleração de Estudos (5ª/6ª e 7ª/8ª)

⇒ Número de alunos: aproximadamente 470 alunos

⇒ Capacidade física da escola por sala de aula: de 25 alunos

⇒ Número de professores: 37 professores, sendo: 02 com Magistério; 21 com licenciatura plena; 12 com especialização; 01 com mestrado.

⇒ Número de funcionários: 12 funcionárias, sendo: 01 com curso superior, 09 com ensino médio; 02 com médio incompleto.

ESTRUTURA ADMINISTRATIVO-PEDAGÓGICA

Diurno

- ⇒ Pré-manhã – Valdirene Lobato da Silva
- ⇒ Pré-tarde -- Maria de Fátima Gonçalves Echevarria

- ⇒ 1ª série – Isabel Cristina Redü do Amaral
Lúcia Elena Xavier Moreira

- ⇒ 2ª série – Vivian Xavier Camargo
Eliane da Costa Stein

- ⇒ 3ª série – Mara Regina Chagas Mendes
Carla Jiani Terras Niencheski

- ⇒ 4ª série – Carla Jiani Terras Niencheski
Isabel Cristina Redü do Amaral

- ⇒ 5ª série – Português: Tarítza Carbone *
Ed. Artística: Alice Maria Szezepanski Montardo
Ed. Física: Aline Vianna Lacava
Matemática: José Francisco Vieira Duran
Ciências: Renata Langlois Massaro
Geografia: Lorena Montanelli *
História: Magda Ferreira Cardoso *
Língua Espanhola: Paula Correa Oliveira *
Educação Musical : Mara Regina Chagas Mendes (em substituição)
Filosofia : Ubiratã Terres
Ensino Religioso : Luciane Tavares Pinheiro*
* Projeto Integrado

⇒ 6ª série – Português: Tarítza Carbone *

Ed. Artística: Alice Maria Szezepanski Montardo

Ed. Física: Danielle Muller de Andrade

Matemática: Renata Langlois Massaro *

Ciências: Rosimeri Oliveira da Rosa João *

Geografia: Lorena Montanelli *

História: Magda Ferreira Cardoso *

Língua Espanhola: Niviane Sastre Araújo Schwantz *

Educação Musical : Eliane da Costa Stein (em substituição)

Filosofia : Ubiratã Terres

Ensino Religioso : Luciane Tavares Pinheiro

* Projeto Integrado

⇒ 7ª série – Português: Tarítza Carbone *

Ed. Artística: Tânia Mara Oliveira Rosa Borges *

Ed. Física: Danielle Muller de Andrade

Matemática: Renata Langlois Massaro*

Ciências: Rosimeri Oliveira da Rosa João *

Geografia: Cláudio Castro *

História: Magda Ferreira Cardoso *

Língua Inglesa: Helena Beatriz Mascarenhas de Sousa

Educação Musical : Eliane da Costa Stein (em substituição)

Sociologia : Rosângela Madeira de Moraes *

Ensino Religioso : Luciane Tavares Pinheiro

* Projeto Integrado

⇒ **Noturno**

⇒ 5ª/6ª séries – Português: Claudia Susana Dias Crespi
Ed. Artística: Fernanda Ziglia Prietto Krüger Pinto
Ed. Física: Danielle Muller de Andrade
Matemática: Renata Langlois Massaro
Ciências: Renata Langlois Massaro
Geografia: Cláudio Castro
História: Daniel de Souza Lemos
Língua Espanhola: Ângela Rozí Marllow Polnow
Sociologia : Carina Beil Uarth

⇒ 7ª/8ª séries – Português: Claudia Susana Dias Crespi
Ed. Artística: Fernanda Ziglia Prietto Krüger Pinto
Ed. Física: Danielle Muller de Andrade
Matemática: Renata Langlois Massaro
Ciências: Renata Langlois Massaro
Geografia: Cláudio Castro
História: Daniel de Souza Lemos
Língua Espanhola: Ângela Rozí Marllow Polnow
Sociologia : Carina Beil Uarth

⇒ E.J.A. - 1ª/2ª etapas – Ana Helena Pastro Mena Barreto
3ª etapa - Luciane Tavares Pinheiro

⇒ Biblioteca: Maria de Fátima G.Echevarria

⇒ Substituta: Eliane da Costa Stein
Mara Regina Chagas Mendes

- ⇒ Apoio: Lúcia Elena Xavier Moreira (M)
Aguardando encaminhamento da SME (T)

- ⇒ Orientadora Educacional: Flávia Marisa Silva Gotuzzo

- ⇒ Serventes: Edi Quevedo Ferraz
Luciana Silva da Silva
Maria Deacy Gomes Alves
Rosane Herreira
Maria Elena de Freitas

- ⇒ Merendeira : Simone Sayão da Silva
Maria Joaquina Veiga

- ⇒ Monitoras : Anarolina Gonçalves Dias
Maria Inês da Silva
Maria Simone Pinto Pereira

- ⇒ Secretária : Jandira Cruz Ferreira

- ⇒ Coordenadora Pedagógica: Edelvira Silva de Oliveira

- ⇒ Diretora: Alice Maria Szezepanski Montardo

CONSELHO ESCOLAR

Presidente: Donata Verônica Bilhalva Vieira

Vice-presidente: Maria Inês da Silva

Secretária: Edelvira Silva de Oliveira

Tesoureira: Maria de Fátima Gonçalves Echevarria

PAPEL DO CONSELHO ESCOLAR

O conselho escolar tem por finalidade geral colaborar na assistência e formação do educando, por meio da aproximação entre pais, alunos e professores, promovendo a integração do poder público, comunidade, escola e família.

Constituem finalidades específicas do conselho escolar, a conjugação de esforços, a articulação de objetivos e a harmonia de procedimentos, o que caracteriza-se principalmente por:

- a) interagir junto a escola como instrumento de transformação e ação, promovendo o bem-estar da comunidade do ponto de vista educativo, cultural e social;
- b) promover a aproximação dos membros da comunidade pelas atividades escolares;
- c) contribuir para a solução de problemas inerentes à vida escolar, preservando uma convivência harmônica entre pais ou responsáveis legais, professores, alunos e funcionários da escola;
- d) cooperar na conservação dos equipamentos e prédios da unidade escolar;
- e) administrar de acordo com as normas legais que regem a atuação do conselho escolar, os recursos provenientes de subvenções, convênios, doações e arrecadações da entidade;
- f) incentivar a criação do grêmio estudantil e trabalhar cooperativamente com o mesmo.

CLUBE DE MÃES

FUNDAÇÃO: 10/06/1994

MADRINHA: Noely Canielles

FILIAÇÃO: Conselho Municipal de Clube de Mães

Conselho Geral de Clube de Mães

ATUAL PRESIDENTE: Donata Verônica Bilhalva Vieira

OBJETIVOS:

- a) Experenciar e melhorar a vida em grupo;
- b) exercício da liderança;
- c) intercâmbio com outros grupos;
- d) participação da vida comunitária;
- e) formação pré-profissionalizante;
- f) ampliação da cultura;
- g) melhoria da educação;
- h) educação para o lazer.

FUNCIONAMENTO: Meio de :

Trabalho – Reunião

Serviço – Diretoria:

* Assembléia geral

* Reunião do conselho fiscal

Formação – Atividades:

* Sociais

* Culturais

CONSTITUIÇÃO ESCOLAR

DIREITOS

ALUNOS

- 1) Boa educação;
- 2) aulas agradáveis;
- 3) ensino utilizando-se recursos como tv, som, vídeo, etc.
- 4) ter professor de educação física, educação artística, música, filosofia, língua estrangeira(espanhol, inglês e francês);
- 5) freqüentar as aulas de Estudos de Recuperação(Apoio) e/ou a Sala de Recursos, quando forem encaminhados;
- 6) de expressar-se na aula;
- 7) horário para ir à biblioteca, ao Laboratório de Informática, Laboratório de Ciências;
- 8) ter bons professores: criativos, competentes e responsáveis com o seu trabalho;
- 9) ter bons livros didáticos e de literatura;
- 10) conversar na sala de aula;
- 10) ter merenda boa;
- 11) recreio agradável e sem agressividade;
- 12) ser respeitado;
- 13) não ouvir palavras ofensivas;
- 14) participar do Repensando a Escola;
- 15) participar dos Conselhos de Classe.

DEVERES

- 1) Estudar;
- 2) ser assíduo e pontual;
- 3) saber a hora de conversar;
- 4) não arranjar nem provocar brigas;
- 5) freqüentar as aulas de Estudos de Recuperação(Apoio) e/ou a Sala de Recursos, quando forem encaminhados;
- 6) participar do Repensando a Escola;
- 7) participar dos Conselhos de Classe.
- 8) respeitar as pessoas da escola;
- 9) cuidar da escola; salas, pátio, cartazes;
- 10) não dizer palavrões e palavras ofensivas;
- 11) respeitar o material alheio;
- 12) prestar atenção nas aulas;
- 13) não brincar na hora de estudar;
- 14) realizar os trabalhos propostos;
- 15) comportar-se na hora da merenda;
- 16) manter o material organizado;
- 17) ser solidário com os colegas e demais pessoas da escola.

MEDIDAS ADOTADAS PELA ESCOLA QUANDO A CONSTITUIÇÃO NÃO FOR CUMPRIDA (pelos alunos):

- 1º) Diálogo com a professora;
- 2º) diálogo com a direção;
- 3º) levar 1º bilhete para os pais;
- 4º) levar 2º bilhete para os pais;
- 5º) chamar o responsável na escola;
- 6º) levar bilhete informando para os pais a próxima atitude a se tomada;
- 7º) encaminhar ao setor de Atendimento ao Educando da SME;
- 8º) encaminhar ao Conselho Tutelar.

**DIREITOS E DEVERES:
PROFESSORES, FUNCIONÁRIAS E EQUIPE DIRETIVA**

- Os direitos e deveres dos servidores estão explicitados no Regime Jurídico no qual os contratos de trabalhos são enquadrados, o que deve ser de conhecimento de todos.
- No âmbito mais restrito de atuação, são atribuições desses servidores cumprir e dar condições de que seja cumprido esse projeto de Escola que é formulado por toda comunidade.

**MEDIDAS ADOTADAS PELA COMUNIDADE ESCOLAR QUANDO A
CONSTITUIÇÃO NÃO FOR CUMPRIDA (pela escola):**

Quando professores(as):

- 1º) Será falado o problema de forma geral em reunião pedagógico-administrativa (se o assunto assim permitir);
- 2º) a(o) professora(r) será chamando pela coordenação pedagógica para conversar sobre o problema;
- 3º) nova chamada pela coordenação pedagógica com registro em ata;
- 4º) nova chama da com a equipe diretiva com registro em ata;
- 5º) nova chamada com a equipe diretiva e Conselho Escolar;
- 6º) encaminhamento ao setor pedagógico da SME para avaliação da situação;
- 7º) emissão de documento, pela direção da escola, encaminhando o profissional de volta à SME com solicitação de outro para assumir a função.

Quando funcionários(as):

- 1º) Será falado o problema de forma geral em reunião pedagógico-administrativa(se o assunto assim permitir);
- 2º) a funcionária será chamando pela direção para conversar sobre o problema;
- 3º) nova chamada pela direção com registro em ata;
- 4º) nova chamada com a equipe diretiva com registro em ata;
- 5º) nova chamada com a equipe diretiva e Conselho Escolar;
- 6º) encaminhamento ao setor administrativo da SME para avaliação da situação;
- 7º) emissão de documento, pela direção da escola, encaminhando o profissional de volta à SME com solicitação de outro para assumir a função.

Quando equipe diretiva:

- 1º) Conversa com o(os) membros(os) envolvido(os) no problema;
- 2º) chamada de reunião com os envolvidos no problema, com registro em ata;
- 3º) chamada de reunião com o Conselho Escolar, com registro em ata;
- 4º) chamada de reunião geral de professores, funcionários pelo Conselho Escolar, com registro em ata;
- 5º) encaminhamento do problema à SME;
- 6º) assembléia geral da comunidade escolar, Conselho Escolar e SME.

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

- 1) Proporcionar integração entre escola, família e comunidade;
- 2) promover a conscientização dos alunos com relação aos seus deveres e direitos, na vida escolar e social;
- 3) resgatar as crianças evadidas, incentivando a sua permanência na escola.
- 4) estudar as várias linhas de ação pedagógica para que haja reflexão- ação embasada na teoria/prática.
- 5) trabalhar valores como amizade, solidariedade, através dos diferentes conteúdos.
- 6) questionar a agressividade, tentando extingui-la, através de atividades, disciplinas e conteúdos conteúdos.
- 7) promover várias atividades para discutir a sexualidade, ética e cidadania através dos temas transversais.
- 8) integrar os alunos com os professores e entre eles, para que reflitam e valorizem a produção artística e cultural.
- 9) realizar avaliação constante e global dos trabalhos, assim como a recuperação preventiva, tendo como meta a diminuição da repetência, não deixando que a preocupação em “vencer conteúdo” seja o objetivo do trabalho.
- 10) realizar avaliação constante do trabalho desenvolvido na escola.
- 11) discutir em cada segmento as causas da crise da escola pública, tanto em relação à qualidade do ensino como no rendimento e permanência do aluno na sala de aula, priorizando a busca de solução ao invés de procurar culpados dentre os membros da comunidade escolar, tendo-se em mente a responsabilidade de pais, professores e funcionárias na formação da criança e do adolescente.
- 12) promover palestras que enfoquem questões pertinentes às necessidades de todos.
- 13) promover grupos de estudo, reuniões e oficinas pedagógicas para os professores e funcionários.
- 14) aproveitar os cursos oferecidos pelo clube de mães, proporcionando acesso da comunidade escola bem como oportunizando uma renda extra à família.

- 15) participar das atividades extra-classe desenvolvidas pelas professoras de educação física, educação artística e línguas estrangeiras.
- 16) oportunizar aulas de apoio pedagógico para todos os alunos da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.
- 17) oportunizar passeios culturais e artísticos.

METODOLOGIA – AÇÕES DIDÁTICAS E PEDAGÓGICAS

Observação Geral

As metas propostas não se efetivam em curto prazo. É necessário que os profissionais estejam comprometidos, disponham de tempo e de recursos e acima de tudo abracem esta proposta com bastante coragem e amorosidade.

- 1) Conteúdos coerentes com a realidade da escola e a realidade dos alunos, não permitindo a diminuição da qualidade destes e sim adequá-los às necessidades dos alunos.
- 2) Estudo constante para aprofundamento da pedagogia crítico-social dos conteúdos que assegura a função social e política da escola mediante o trabalho com conhecimentos sistematizados, a fim de colocar as classes populares em condições de uma efetiva participação nas lutas sociais.
- 3) Promoção da gincana da integração na semana de aniversário da escola.
- 4) Avaliação do currículo, estudo e discussão das várias metas.
- 5) Formulação da constituição escolar, apreciação e cumprimento da mesma.
- 6) Incentivo às brincadeiras populares, debates na sala de aula e manifestações populares.
- 7) Utilização de técnicas de socialização nas aulas de educação física e educação artística.
- 8) Ampliação do espaço cultural da biblioteca.
- 9) Exposição dos trabalhos realizados.
- 10) Reuniões de classes paralelas e entre séries.

- 11) Realização atividades festivas e culturais em conjunto com o clube de mães.
- 12) Para garantir a participação de todos os segmentos no processo de tomada de decisões, fazem-se necessárias reuniões mensais gerais para avaliação e encaminhamento das questões pedagógicas, administrativas e financeiras da escola.
- 13) Continuidade aos projetos já encaminhados para a biblioteca, para o recreio orientado, para as aulas de apoio para todas as séries do currículo em horário inverso ao de sala de aula.
- 14) Manutenção e ênfase diária na importância do projeto PAZ NA ESCOLA, buscando parcerias com a comunidade.
- 15) Proposta das professoras das quatro primeiras séries acompanharem seus alunos na série seguinte(1ª para a 2ª série / 3ª para 4ª série), e assim contribuir para redução os índices de reprovação na Escola.
- 16) Discussão e elaboração de regimento escolar vigente para alterações, se for necessário.
- 17) Manutenção do Projeto Adote uma Escola (lixo reciclável).
- 18) Mostra de Expressões.

PROJETOS EM DESENVOLVIMENTO NA ESCOLA

*** Sala de Recursos**

Professoras responsáveis: Luciane Goulart Costa

Luciane Tavares Pinheiro

*** Biblioteca Interativa**

Professora responsável: Maria de Fátima G.Echevarria

*** Handebol / Futebol**

Professora Responsável: Danielle Muller de Andrade

*** Dança**

Professoras responsáveis: Aline Vianna Lacava
Tânia Mara Borges

*** Reprovação Zero – Apoio**

Professora responsável: Lúcia E. Xavier Moreira

*** Clube de Línguas – “ICI WE HABLAMOS”**

Professoras Responsáveis:

Francês - Claudia Susana Dias Crespi

Inglês – Beatriz Helena Mascarenhas de Souza

Espanhol – Magda Cardoso

*** Adote uma Escola**

Professora Responsável : Edelvira Silva de Oliveira

*** Núcleo de Educação Ambiental (N.E.A.)**

Projeto sócio-comunitário coordenado pela ONG / AMIZ que tem como representante a funcionária/voluntária responsável : Anarolina Gonçalves Dias

***** Laboratório de Informática**

Professora Mara Regina Chagas Mendes

***** Laboratório de Ciências**

Professora Renata Langlois Massaro

***** Esses dois projetos dependem do término da obra da Escola para acontecerem, portanto estamos aguardando encaminhamentos oficiais da mantenedora.**

AVALIAÇÃO DO PROJETO

COMO ENCARAMOS A AVALIAÇÃO

Como o projeto é a articulação das intenções, prioridades e caminhos escolhidos para realizar sua função social sabemos também que ele não começa de uma só vez, não nasce pronto e precisa de avaliação constante para ser uma utopia daqueles que desejam transformar a realidade das coisas, tornar as pessoas melhores e a sociedade mais justa.

Ele parte da reflexão sobre a qualidade do trabalho que vem sendo realizado na escola e o que pode ser melhorado.

Em vários momentos, avalia-se o projeto, seus efeitos sobre os alunos, a equipe de professores, o ambiente de trabalho e o funcionamento da escola, a participação dos pais, etc. Com indagações como:

- 1) Melhorou a comunicação entre as pessoas da escola?
- 2) Fortaleceu-se o trabalho coletivo?
- 3) Conselhos de classes e reuniões pedagógicas tornaram-se mais produtivas?
- 4) O projeto provocou mudanças na prática de sala de aula?
- 5) Existe coerência entre o que é escrito no projeto da Escola e o que é feito, entre o que é dito e o que é feito?
- 6) O projeto leva os agentes da Escola a reflexão sobre cidadania que se constrói no cotidiano?

Sabemos que com um projeto de escola, não acabam os problemas, mas é fundamental que os educadores possam atuar como sujeitos que decidem juntos e consigam trabalhar de forma cada vez mais qualificada, mais competente, em benefício de seus alunos.

OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO

Questionar-se e questionar é premissa básica de uma perspectiva construtivista de avaliação.

O autoritarismo da avaliação emerge do próprio planejamento de ensino que se efetiva da educação infantil à universidade, sem reflexão necessária sobre o significado das propostas pedagógicas desenvolvidas.

É urgente encaminhar a avaliação a partir da efetiva relação professor-aluno, em benefício da educação brasileira, contrapondo-se à concepção sentenciosa, grande responsável pelo processo de eliminação de crianças e jovens da escola.

Para efetivar-se a transformação da teoria em prática, nossas metas prioritárias de ação são:

--Avaliação continuada ao longo do trimestre com todos os alunos;

- com os alunos que necessitem recuperar conteúdos e frequência, serão realizados trabalhos e, se necessário, será oportunizada recuperação em turno inverso;

--avaliar todo processo na produção do aluno;

--priorizar a compreensão e não a memorização;

--oportunizar aos alunos inúmeros momentos de explosão de idéias pela proposição de pequenas e sucessivas tarefas;

--avaliação considerada como elemento favorecedor da melhoria de qualidade da aprendizagem, deixando de funcionar como arma contra o aluno, ciente de que a avaliação diz respeito não só ao aluno, mas também ao professor e ao sistema escolar.

MENSAGEM À COMUNIDADE ESCOLAR

Nós, trabalhadores da Escola Bibiano de Almeida, chegamos a um estágio de discussão e realizações onde o salto, o sonho e a ousadia são os caminhos. Sabemos que todos, pais, alunos, funcionários e professores, têm que ter a cabeça nas nuvens e os pés no chão, e é por isso que essa realidade que ousamos sonhar é o nosso cotidiano.

Nesses estudos constatamos o quanto ainda temos a buscar, mas acreditamos que estamos no caminho ou nos caminhos certos.

Nesta escola não há lugar para acomodação e “naturalização” dos fatos.

Tudo deve ser (re)lido, (re)visto, estudado e (re)estudado, vivido e, principalmente, sentido.

Neste espaço de convivência, de respeito, de cordialidade, de solidariedade, de cumplicidade, os conceitos se aliam aos sentimentos, para que, com muita afetividade, sejam vivenciados.

BIBLIOGRAFIA:

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder** - Introdução à Pedagogia do Conflito. 11ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GARCIA, Regina Leite(org). **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.

GARCIA, Regina Leite(org). **Aprendendo com Movimentos Sociais** – Rio de Janeiro: DP&A., 2000.

PARO, Vitor Henrique. **Por Dentro da Escola Pública**. 3 ed. São Paulo : Xamã, 1995.

BOFF, Leonardo. **A Águia e a Galinha**. 33 ed. Rio de Janeiro : Vozes, 1997.

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação Escolar: Julgamento X Construção**. Rio de Janeiro, 1994.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Dialógico** . São Paulo : Cortez, 2001

DEMO, Pedro. **Saber Pensar** . São Paulo : Cortez, 2001.

Salto para o Futuro: **Reflexões sobre a educação no próximo milênio** / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

Salto para o futuro: **Ensino Fundamental** / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

Salto para o Futuro: **Construindo a escola cidadã**: projeto político-pedagógico / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

Salto para o Futuro: **Educação do Olhar** / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

Sociedade em Debate, Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; EDUCAT, V.3, N.4, pl-99, dezembro/97.

Educação Física Escolar/Coletânea de Artigos da Pós-graduação. Universidade Federal de Pelotas. 1995

Cadernos da TV Escola. Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 2001

Parâmetros Curriculares Nacionais.Ministério da Educação e do Desporto1999.

Cadernos de Educação. Magistério Público:Diretrizes para a Carreira e Remuneração. Ano III – Nº6 - 1ª ed. – Agosto/1998.

Cadernos Temáticos.Constituinte Escolar. Governo do Estado do Rio Grande do Sul/ Secretaria de Educação, 2000.

Estatuto da Criança e do adolescente/Lei Federal nº 8069 de 13/07/1990.

Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Federal nº 9394 de 20/12/1996.

Revistas: Nova Escola – Editora Abril

ANEXO 02

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL BIBIANO DE ALMEIDA

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

“A cada aula se encontram e se confrontam os termos do falar correto da língua erudita da professora e os falares da criação adolescente local, em geral tidos como “errados” ou imperfeitos, mas de qualquer modo, uma “fala da língua” para ser dita e compreendida entre eles, apesar de nós.”

Carlos Rodrigues Brandão

I . PLANOS DE ESTUDOS

1. REGIME ESCOLAR (diurno)

- O regime é seriado e trimestral (3 trimestres).
- Os alunos da pré-escola e da 1ª à 4ª série têm direito a, no mínimo, 04 (quatro) horas por dia de aula.

- As séries constantes na escola são identificadas da seguinte forma:

- Educação Infantil : Pré-escolar Nível B - 10 BM
10 BT

⇒ 10 – *identifica a série*

⇒ B – *identifica o nível*

⇒ M – *identifica o turno*

- Ensino Fundamental : 1ª a 8ª séries
- | | | |
|--------------|-------|-------|
| - 1ª séries: | 11 AT | 11 BT |
| 2ª séries: | 12 AT | 12 BT |
| 3ª séries: | 13 AM | 13 BT |
| 4ª séries: | 14 AM | 14 BM |
| 5ª séries: | 15 AT | 15 BT |
| 6ª séries: | 16 AM | 16 BM |
| 7ª séries: | 17AM | 17BM |

⇒ 15 – *identifica a série*

⇒ A/B - *identifica a turma*

⇒ M/T - *identifica o turno*

- E.J.A. : 1ª / 2ª / 3ª etapas: E01

E02

E03

⇒ E – *identifica que é uma etapa*

⇒ 01 – *identifica qual etapa*

2. DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS

2.1. PRÉ-ESCOLAR

O quadro de disciplinas da pré-escola consta de:

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA SEMANAL	<i>PROFESSOR</i>
Núcleo Geral	20 h/a*	Titular com Curso de Pedagogia (preferencialmente)
Educação Física	02 h/a	Especializado na área específica
Educação Musical	01 h/a	
Ensino da Arte	02 h/a	

2.2. CURRÍCULO POR ATIVIDADES

O quadro do currículo por atividades é composto por disciplinas específicas e por um Núcleo Geral, sendo distribuído conforme quadros abaixo :

	DISCIPLINAS		PROFESSOR
Núcleo Geral 1ª E 2ª Séries	Português Matemática Estudos Sociais Ciências Ensino Religioso*	15 h/a	Titular, preferencialmente, com Curso de Pedagogia
Educação Física		02 h/a	Especializado na área específica
Música		01 h/a	
Ensino da Arte		02 h/a	

	DISCIPLINAS		PROFESSOR
Núcleo Geral 3ª Séries	Português	13 h/a*	Titular, preferencialmente, com Curso de Pedagogia
	Matemática		
	Estudos Sociais		
	Ciências		
	Ensino Religioso**		
Educação Física		02 h/a	Especializado na área específica
Música		01 h/a	
Espanhol		02h/a	
Ensino da Arte		02 h/a	

	DISCIPLINAS		PROFESSOR
Núcleo Geral 4ª Séries	Português	11 h/a*	Titular, preferencialmente, com Curso de Pedagogia
	Matemática		
	Estudos Sociais		
	Ciências		
	Ensino Religioso**		
Educação Física		02 h/a	Especializado na área específica
Música		01 h/a	
Espanhol		02h/a	
Filosofia		02 h/a	
Ensino da Arte		02 h/a	

** Os alunos não optantes pelos Ensino Religioso são atendidos em atividade paralela na Biblioteca pela professora responsável pela mesma, com temas que digam respeito a qualificação das relações humanas.

* As horas/aula das disciplinas especializadas na pré-escola e nas séries iniciais (1ª a 4ª séries)do Ensino Fundamental são de 45 minutos.

2.3. CURRÍCULO POR DISCIPLINAS – 5ª e 6ª séries (diurno)

O quadro do currículo por disciplinas consta de:

NÚCLEOS DE FORMAÇÃO	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA (h/a)	PROFESSORES	
Núcleo de Linguagens	Educação Física	02	Titulares, especializados nas áreas específicas	
	Educação Musical	01		
	Ensino da Arte	02		
	Língua Espanhola	02		
	Português/Literatura	03		
Núcleo Científico	Ciências	02		
	Matemática	03		
Projeto Integrado		03		
Ensino Religioso		01		
Núcleo de Identidade Cultural	Filosofia	02		
	Geografia	02		
	História	02		

2.4. CURRÍCULO POR DISCIPLINAS – 7ª série(diurno)

O quadro do currículo por disciplinas consta de:

NÚCLEOS DE FORMAÇÃO	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA (h/a)	PROFESSORES
Núcleo de Linguagens	Educação Física	02	Titulares, especializados nas áreas específicas
	Educação Musical	01	
	Ensino da Arte	01	
	Língua Inglesa	02	
	Português/Literatura	03	
Núcleo Científico	Ciências	03	
	Matemática	03	
Projeto Integrado		03	
Ensino Religioso		01	
Núcleo de Identidade Cultural	Sociologia	02	
	Geografia	02	
	História	02	

OBSERVAÇÃO: As horas/aula do ensino fundamental, à partir da 5ª série são de 50(cinqüenta) minutos.

2.5. PROJETO INTEGRADO (P.I.)

O Projeto Integrado (P.I.) objetiva o trabalho com as disciplinas que compõem os três núcleos de formação.

Propõe o trabalho com projetos interdisciplinares, oportunizando momentos de integração entre diferentes profissionais e conteúdos.

Esse projeto busca a transdisciplinariedade. Propõe uma escola onde o trabalho não precisa ser todo realizado com o mesmo formato.

Nossa Escola por sentir-se preparada para lançar de forma efetiva e documentada o trabalho de programas interdisciplinares que vão além do simples trabalhar na mesma sala, com conteúdos que se assemelham na sua aplicabilidade, mas de romper as barreiras de que cada disciplina. Unir-se a outra disciplina deve priorizar, também, a busca pelos prazeres, descobertas e dúvidas do ato de aprender, não só nos alunos, mas também nos professores.

Os conteúdos ou temas que são trabalhados no P.I. são definidos em reuniões pedagógicas no final de cada dia de P.I., tendo como base os Temas Transversais e a descoberta de eixos de discussão comuns entre os conteúdos que o compõem.

O Projeto Integrado (P.I.) é organizado da seguinte forma:

5ª e 6ª séries

TRIMESTRE	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA
1º / 2º / 3º	Matemática Ciências Português Língua Espanhola Geografia História Ensino das Artes	Cada módulo terá uma carga horária semanal de 03 h/a de 50 minutos

7ª séries

TRIMESTRE	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA
1º / 2º / 3º	Matemática Ciências Português Sociologia Geografia História Ensino das Artes	Cada módulo terá uma carga horária semanal de 03 h/a de 50 minutos

3. REGIME ESCOLAR (noturno)

- Educação de Jovens e Adultos (E.J.A.) : a organização da E.J.A. se dá de acordo com a legislação vigente.

- Os alunos das turmas de Aceleração de Estudos têm o direito, no mínimo, a 05 (cinco) horas-aula em 04 (quatro) dias na semana, 04(quatro) horas de curso profissionalizante em 01(um) dia da semana e 10 (dez) horas-aula 01(um) sábado por mês. (Ver quadro abaixo)

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Componente Curricular	Componente Curricular	* Curso Profissionalizante	Componente Curricular	Componente Curricular
Componente Curricular	Componente Curricular	* Curso Profissionalizante	Componente Curricular	Componente Curricular
Componente Curricular	Componente Curricular	* Curso Profissionalizante	Componente Curricular	Componente Curricular
Componente Curricular	Componente Curricular	* Curso Profissionalizante	Componente Curricular	Componente Curricular
Componente Curricular	Componente Curricular	* Curso Profissionalizante	Componente Curricular	Componente Curricular

* Nesses dias os professores têm reunião com a Coordenação Pedagógica e/ou SME para avaliação do trabalho realizado e preparação do trabalho para a semana subsequente.

* Os Cursos Profissionalizantes são custeados pela mantenedora e ministrados, preferencialmente, por instituições conveniadas com a Secretaria Municipal de Educação.

- As séries constantes na escola são identificadas da seguinte forma :

- Educação de Jovens e Adultos : EJA 01

EJA 02

EJA 03

- Aceleração de Estudos : 15 CN / 16CN

17 CN / 18AN

15 – *identifica a série*

C - *identifica a turma*

N – *indica o turno*

4. DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS

4.1. E.J.A.

O quadro de disciplinas do E.J.A. (1ª, 2ª e 3ª etapa) consta de:

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA SEMANAL	PROFESSORES
Núcleo Geral	10 h/relógio	Titular com Curso de Pedagogia (preferencialmente)
Ensino da Arte	1 h 15 m	Especializado na área específica
Filosofia	1 h 15 m	

- As professoras trabalham 2 horas e trinta minutos em 04(quatro) dias da semana, ficando as 4ª feiras reservadas para reuniões na SME e na escola para avaliação e preparação de aulas subseqüentes.

4.2. Aceleração de Estudos

4.2.1. Currículo por disciplinas

NÚCLEOS DE FORMAÇÃO	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA (h/a)	PROFESSORES
Núcleo de Linguagens	Educação Física	02	Titulares especializados nas áreas específicas
	Ensino da Arte	02	
	Língua Espanhola	02	
	Português	02	
Núcleo Científico	Ciências	03	
	Matemática	03	
Núcleo de Identidade Cultural	Sociologia	02	
	Geografia	02	
	História	02	

XII. NÃO HÁ 1ª, SEM 2ª²⁹

SEMPRE APARECEM

*Sempre aparecem, nos filmes de vampiros,
dois personagens igualmente irritantes:
um porque acredita em tudo, outro porque não acredita em nada...
Ambos fanáticos, cada qual à sua maneira.
Falta-lhes isenção de ânimo.
Falta-lhes esse espírito de disponibilidade
que talvez não seja apenas uma característica do
homem moderno e sim do homem eterno.
Ou, no mínimo, do leitor inteligente.*

Mário Quintana

Começar sempre

Quem sabe, por não pensar que tudo está certo, mas também por acreditar em algo além do que está posto para a escola pública, eu volte a escrever!

²⁹ Nas danças do “Grande Pampa” como é chamado pelos tradicionalistas a região que compreende Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina, Paraguai, sempre que termina a 1ª parte alguém grita: - Não há 1ª sem 2ª. Então a dança recomeça.